

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
CURSO DE HISTÓRIA

DEYZIANE CARVALHO PEREIRA

"HAVERÁ CHOROS E RANGER DE DENTES": A Topografia do Além e o seu papel
moralizante- Uma análise nas obras *Visão de Túndalo* e *Visão de Thurkill*

SÃO LUÍS
2024

DEYZIANE CARVALHO PEREIRA

"HAVERÁ CHOROS E RANGER DE DENTES": A Topografia do Além e o seu papel moralizante- Uma análise nas obras *Visão de Túndalo* e *Visão de Thurkill*

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão para o grau de licenciatura em História.

Orientadora: Prof.^a Dra. Adriana Maria de Souza Zierer.

SÃO LUÍS

2024

Pereira, Deyziane Carvalho.

"Haverá choros e ranger de dentes": a topografia do Além e o seu papel moralizante- Uma análise nas obras Visão de Túndalo e Visão de Thurkill / Deyziane Carvalho Pereira. – São Luís, 2024.

81 f. : il.

Monografia (Graduação) – Curso de História. Universidade Estadual do Maranhão, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Maria de Souza Zierer.

1. Visão de Túndalo. 2. Visão de Thurkill. 3. Topografia. 4. Salvação. Título.

CDU 94(100)"...05: 82.091

DEYZIANE CARVALHO PEREIRA

“HAVERÁ CHOROS E RANGER DE DENTES”: A Topografia do Além e o seu papel moralizante – Uma análise nas obras *Visão de Túndalo e Visão de Thurkill*

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, para obtenção de grau licenciatura em História.

Aprovado em: 22/08/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Adriana Maria de Souza Zierer (Orientadora)
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

Prof.^a Me. Bianca Trindade Messias
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

Prof.^a Dr. Solange Pereira Oliveira
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

SÃO LUÍS
2024

Dedico este trabalho à minha família, cuja presença e apoio foram fundamentais em toda a minha jornada acadêmica. Agradeço especialmente à minha avó Maria Mouzinho de Carvalho Segundo, à minha mãe Sarah Eunice Mouzinho Carvalho, e aos meus irmãos Diulyane Carvalho Pereira e Edyelson Carvalho de Araújo. Em memória, dedico também a meu avô de criação José Ribamar Araújo Lins.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, expresso meus mais sinceros agradecimentos a Deus e à Nossa Senhora das Graças, que sempre me forneceram forças para perseverar em meus sonhos. Desde o momento em que decidi seguir a licenciatura, senti sua presença constante, orientando-me desde a preparação para o vestibular até o último semestre da faculdade. Sou profundamente grata por terem me ajudado a superar todos os desafios enfrentados ao longo da graduação.

A minha família, especialmente minhas duas mães, que merecem um agradecimento especial. Minha mãe, Sarah Eunice Mouzinho Carvalho, sempre acreditou em meu potencial e fez tudo o que estava ao seu alcance para que eu pudesse me dedicar às atividades acadêmicas. Agradeço também à minha avó, Maria Mouzinho de Carvalho Segundo, por sua constante motivação e pelo esforço em proporcionar a mim e aos meus irmãos uma educação de qualidade. Sou profundamente grata a ambas pelo esforço incansável e pelo apoio inabalável, mesmo quando eu mesma havia perdido a esperança.

Aos meus irmãos, Diulyane Carvalho Pereira Diniz, que esteve ao meu lado em todos os momentos, oferecendo apoio durante a graduação, e Edyelson Carvalho de Araújo, por sempre me confortar com palavras de incentivo e estar sempre presente. Em memória do meu avô, José Ribamar Araújo Lins, que desempenhou um papel fundamental na minha formação, oferecendo-me a melhor educação e incentivando-me a buscar meus sonhos. Ao meu pai de criação, Edson Marques Araújo, por não medir esforços para me apoiar; sem você, teria perdido a PAES 2020 e hoje não estaria realizando o sonho de me formar no curso que sempre almejei. À minha tia, Deusamar Carvalho, por todo carinho e incentivo.

Agradeço especialmente ao meu companheiro, Diogo Luís Jansen Silva, por sempre me dar forças e acreditar em meu potencial, mesmo quando eu mesma duvidava. Obrigada por todo carinho, motivação e palavras de apoio. Agradeço também aos meus amigos de estudo durante a graduação, Matheus Costa Miranda e Sarah Thayanny Moura Rego, que tornaram esse processo muito mais leve. Obrigada por tudo!

Sou imensamente grata à minha professora do ensino médio, Rosário Ferreira, cuja excelente didática despertou em mim o desejo de cursar História. Agradeço pelo carinho e pelo incentivo durante o estágio do ensino médio, no qual ela foi minha receptora. Obrigada por todas as contribuições valiosas.

Agradeço também a todos os meus ex-colegas de serviço da Drogasil pelo constante apoio e incentivo em relação ao meu TCC. Suas palavras e preocupações foram muito

importantes para mim ao longo deste processo. Ao João Francisco, por toda ajuda técnica durante a graduação.

À minha orientadora, Adriana Maria de Sousa Zierer, expresse minha gratidão pela oportunidade de me tornar pesquisadora por meio da iniciação científica e por todas as orientações e dedicação ao grupo de pesquisa. Ao Grupo de Pesquisa de Estudos Celtas e Germânicos da Universidade Estadual do Maranhão (BRATHAIR), agradeço pelas contribuições à minha aprendizagem. À FAPEMA, sou grata pelo fomento à pesquisa, essencial para o desenvolvimento do meu trabalho e para cobrir os custos da faculdade. Finalmente, agradeço à Universidade Estadual do Maranhão pelo suporte e dedicação aos projetos de iniciação científica.

“A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que constrói, tudo o que toca, pode e deve fornecer informações sobre eles.”

Marc Bloch

RESUMO

O cenário de instabilidade vivido pela Europa nos séculos XIV e XV, com a peste bubônica, guerras e fome, alterou a concepção da vida após a morte na sociedade medieval, resultando no surgimento de narrativas imaginárias sobre a topografia do Além. Este trabalho tem como objetivo compreender a construção do imaginário sobre os espaços do Além, através das fontes "*Visão de Tundalo*" e "*Visão de Thurkill*" e os impactos na sociedade. Adotou-se uma abordagem metodológica de análise documental dessas fontes e leituras teóricas sobre imaginário e contexto histórico. Os resultados mostram que fatores econômicos, sociais e religiosos estavam interligados na construção do imaginário sobre o pós-morte, com a Igreja desempenhando um papel crucial na moldagem dessas visões, orientando a vida dos fiéis em direção à salvação. Portanto, conclui-se que a formação da topografia do Além e a construção do imaginário sobre o pós-morte se estruturam a partir das narrativas de viagens imaginárias.

Palavras-chave: *Visão de Tundalo*; *Visão de thurkill*; Topografia; Salvação.

ABSTRACT

The scenario of instability experienced by Europe in the 14th and 15th centuries, with the black plague, wars and famine, changed the conception of life after death in medieval society, resulting in the emergence of imaginary narratives about the topography of the Beyond. This work aims to understand the construction of the imaginary about the spaces of the beyond, through the sources "Vision of Tundalo" and "Vision of Thurkill" and the impacts on society. A methodological approach of documentary analysis of these sources and theoretical readings on imagery and historical context was adopted. The results show that economic, social and religious factors were interconnected in the construction of the imaginary about the afterlife, with the Church playing a crucial role in shaping these visions, guiding the lives of the faithful towards salvation. Therefore, it is concluded that the formation of the topography of the Beyond and the construction of the imaginary about the afterlife are structured based on imaginary travel narratives.

Keywords: Vision of Tundal; Vision of Thurkill; Topography; Salvation.

LISTA DE QUADROS

QUADRO	TÍTULO	PÁGINA
1	A Topografia do Além na <i>Visão de Túndalo</i> e <i>Visão de Thurkill</i>	p.40
2	A Divisão do Além na <i>Visão de Túndalo</i>	p. 43
3	Os espaços do Além na <i>Visão de Thurkill</i>	p.45
4	As Punições Correspondentes aos Sete Pecados Capitais	p.51
5	Penalidades por meio dos órgãos de sentido	p. 53
6	Os jogos teatrais dos demônios e suas punições	p. 61
7	As arenas de Tortura	p. 63
8	O Paraíso sua hierarquia	p.69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. MUDANÇAS OCORRIDAS NA EUROPA ENTRE OS SÉCULOS XI E XV	18
1.1 A Inglaterra no século XIII	22
1.2 Portugal no século XIV	25
1.3 A crise social e o aumento da mortalidade	27
1.4 As Instituições eclesiásticas e a crise no medievo	31
1.5. As narrativas de viagens imaginárias e a topografia do Além	35
1.5.1 <i>Visão de Túndalo</i>	41
1.5.2 <i>Visão de Thurkill</i>	44
2. “QUEIMARÁS NO FOGO DO INFERNO”: OS ESPAÇOS INFERNALIS E SUAS PUNIÇÕES NAS OBRAS <i>VISÃO DE TUNDALO</i> E <i>VISÃO DE THURKILL</i>	49
2.1 As punições das Almas pecadores na <i>Visão de Túndalo</i>	51
2.2 As Arenas de torturas e os jogos teatrais dos demônios na <i>Visão de Thurkill</i>	57
3 “POIS É DELES O REINO DOS CÉUS”: O PARAÍSO E SUA HIERARQUIA	64
3.1 Paraíso: local reservado aos bem-aventurados na <i>Visão de Túndalo</i>	66
3.2 O Paraíso e a santa Basílica na <i>Visão de Thurkill</i>	70
3.3 Retorno da experiência extracorpórea e a sua influência moralizadora	72
CONCLUSÃO	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

1.INTRODUÇÃO

O estudo do período conhecido como Baixa Idade Média tem sido objeto de extensa investigação e debate ao longo dos séculos, especialmente no que se refere aos eventos sucessivos que levaram ao fim desta era e ao início da Idade Moderna. No entanto, foi com o advento da Escola dos Annales que surgiu uma nova abordagem historiográfica, capaz de oferecer uma compreensão mais ampla e multifacetada deste período, em contraste com a história tradicional, que se concentra em grandes eventos políticos e grandes personagens, aderindo à um viés positivista, levando em conta a sociedade, cultura, mentalidade e economia. Fundada na França por historiadores como Marc Bloch e Lucien Febvre no final da década de 1920, a Escola dos Annales revolucionou a historiografia ao incorporar métodos interdisciplinares e promover uma perspectiva de longa duração dos processos históricos (Burke, Peter, 1991, p.26).

Uma das contribuições mais relevantes da Escola dos Annales foi o desenvolvimento da história das mentalidades. Esta abordagem, que se concentra na compreensão das crenças, atitudes e formas de pensamento das sociedades ao longo do tempo, permitiu aos historiadores explorar aspectos culturais e psicológicos que anteriormente eram negligenciados. Através da história das mentalidades, é possível investigar como as ideias e práticas culturais influenciaram e moldaram a vida medieval (Burke, Peter, 1991, p 60). Um exemplo dessa abordagem é o estudo das narrativas de viagens imaginárias. Essas narrativas proporcionam um campo fértil para examinar como as sociedades concebiam e estruturavam suas visões do mundo e do Além, ajudando a compreender como as mentalidades coletivas eram moldadas por essas visões, de acordo com Marc Bloch “a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita, tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele” (Marc Bloch, 2001, p.79).

A partir da década de 1990, houve um aumento na produção de pesquisas relacionadas aos estudos sobre a História Medieval no Brasil, principalmente com o advento e fundação de grupos de pesquisas localizados em diversos estados brasileiros, que tem como finalidade explorar esse campo de pesquisas, trazendo diversas abordagens essenciais para se compreender a forma de organização e mentalidade sobre essa época fazendo uma associação com a realidade atual, ao passo que muitos resquícios desse período ainda permanece dentro sociedade, principalmente no quesito religioso.

Os grupos de pesquisas desempenham um importante papel na construção da historiografia sobre o medievo no país. Dentre esses o ABREM, Associação Brasileira de Estudos Medievais, O SPATIO SERTI, Grupo de Estudos e Pesquisa Medievalista, GETSEAM, Grupo Transformações Sociais e Educação na Antiguidade e Medievalidade. É importante destacar o avanço das pesquisas sobre História Antiga e Medieval no Maranhão com destaque para os grupos de estudos BRATHAIR, que possui uma revista eletrônica rica em diversos artigos voltado para os estudos celtas e germânicos e o MNEMOSYNE. Além da realização de vários encontros científicos que ocorrem anualmente, como o Encontro Internacional de História Antiga e Medieval do Maranhão (UEMA), que já teve sua décima edição.

É importante destacar que, a Europa nos séculos XIV e XV, foi caracterizada por transformações e dificuldades significativas, que afetaram tanto a estrutura social quanto a espiritualidade da época. Nesse contexto, eventos catastróficos como a peste bubônica, guerras e fome resultaram em um número considerável de mortes, provocando mudanças significativas na forma como a sociedade medieval concebia a vida após a morte. Deste modo, é importante investigar como esses fatores econômicos e sociais influenciaram o desenvolvimento de uma mentalidade em relação ao pós-morte e a importância de buscar a salvação.

A sociedade medieval, confrontada com um cenário de instabilidade e tragédias, deparou-se com um panorama sombrio e incerto, no qual a morte se tornou uma realidade tangível e constante. A peste bubônica, por exemplo, dizimou uma grande parte da população europeia, deixando sequelas psicológicas e transformando as relações sociais. Além disso, as guerras e a fome agravaram ainda mais as condições de vida da população, aumentando a mortalidade em um período já marcado pela fragilidade humana. Essas circunstâncias contribuíram para o surgimento de uma crescente preocupação em relação ao destino das almas após a morte, uma vez que, a mortalidade em massa evidenciava a transitoriedade da vida terrena.

Durante a Idade Média, a Igreja Católica desempenhava um papel de grande importância e exercia uma influência significativa na vida das pessoas. Sua ascensão como uma instituição importante ocorreu principalmente durante a expansão do feudalismo e ela estava presente em várias esferas da sociedade, como política, cultura, eclesiástica, social, cotidiana e, especialmente, mental, conforme abordado por Franco Jr. em sua obra "Idade Média: Nascimento do Ocidente" (2001). Nessa obra, são apresentados os efeitos dos relatos de viagens Além-Túmulo na vida dos indivíduos, bem como uma análise das diversas estruturas sociais da Idade Média e o papel desempenhado pela Igreja. Dessa forma, pode-se afirmar que “o

predomínio exercido pela igreja sobre a Europa medieval permitiu-lhe impor sua marca quase indelével sobre todas as esferas da atividade humana, conferindo-lhes uma aura de sacralidade" (Manoel, 2001, p. 244).

Nesse contexto, a Igreja Católica desempenhou um papel fundamental, estruturada como uma instituição que tinha muita influência no período medieval. Com o objetivo de garantir a salvação das almas e aumentar sua influência, a Igreja se apropriou de narrativas de viagens imaginárias para descrever a topografia do Além, até então desconhecida para os indivíduos. Essas narrativas enfatizavam principalmente os espaços Infernais, com o propósito de converter os fiéis e alertá-los sobre as consequências do pecado.

De acordo com a Igreja, todos os indivíduos eram considerados pecadores devido ao pecado original e tinham livre arbítrio para fazer suas escolhas e decidir qual caminho seguir. A prática dos mandamentos, a recepção dos sacramentos, o jejum, a doação de esmolas aos pobres e a confissão eram vistos como caminhos para a redenção, enquanto uma vida de pecado, cedendo às tentações mundanas, levava a consequências negativas. Cada indivíduo era responsável pelo destino de sua alma, que seria determinado por sua vida terrena e poderia resultar em castigos ou na glória eterna. De acordo com Le Goff, a preocupação das pessoas com a vida após a morte ocupava um lugar essencial. Essa preocupação não se limitava apenas ao 'estado' individual, mas também envolvia a localização de suas vidas futuras (Le Goff, 2002, p. 21).

É nesse contexto de crise que a preocupação com a morte passa a ser uma questão central para a sociedade medieval. Surgem incessantes questionamentos sobre o destino das almas após a morte e uma busca por compreender os espaços Além-Túmulo. A Igreja se utilizou desses elementos para evangelizar a população, visando a incentivar uma vida de santidade como forma de converter muitos indivíduos. Naquela época, grande parte da população era analfabeta, e, portanto, a oralidade desempenhava um papel essencial na transmissão dos ensinamentos cristãos e pregações. Frequentemente, testemunhos e narrativas eram utilizados para fortalecer a fé das pessoas, e muitos desses relatos surgiram como manuais de instrução, como é o caso das viagens imaginárias, amplamente empregadas pela Igreja.

As narrativas de viagens imaginárias consistiam em relatos de indivíduos que afirmavam ter tido experiências fora do corpo, tendo a oportunidade de conhecer os espaços Além-Túmulo a fim de se redimirem de seus pecados e, por meio de seus testemunhos, levarem outras pessoas à conversão. Foi a partir dessas narrativas visionárias que as pessoas desenvolveram uma concepção dos espaços que existiam além do mundo terreno, lugares onde as almas seriam destinadas, de acordo com as suas condutas terrenas.

Como mencionado anteriormente, o aspecto mais importante de uma viagem medieval, seja ela real ou imaginária, é o trajeto que o viajante deve seguir e a descrição dos eventos testemunhados ao longo da jornada. Segundo Le Goff (2002, p. 27) "Os principais relatos latinos de viagem ao Além apresentam-se sob forma de "visões", as quais beneficiam sobretudo os monges, uma vez que o mosteiro era considerado um lugar intermediário entre a Terra e o Além, entre a Terra e o Paraíso".

Dessa forma, pode-se afirmar que as narrativas analisadas durante essa pesquisa: A *Visão de Túndalo* e da *Visão de Thurkill* têm como objetivo principal narrar a topografia do Além, que inclui os espaços do Purgatório, Inferno e Paraíso, apresentando as peculiaridades de cada lugar visitado. Devido ao surgimento da literatura visionária e à preocupação dos medievais com a morte, houve uma proliferação de relatos de viagens imaginárias, entre os quais se destacam as fontes estudadas.

Apesar de ambas as fontes descreverem os espaços do Além, é necessário realizar uma análise dos espaços representados e estabelecer diferenças entre as duas narrativas, especialmente por apresentarem enredos distintos, com personagens pertencentes a classes sociais e estilos de vida totalmente opostos, Além de terem origens em lugares e séculos diferentes. A *Visão de Túndalo* foi escrita em latim no século XII por um monge irlandês chamado Marcus, enquanto a *Visão de Thurkill* foi escrita em latim por Roger Wendover na Inglaterra no século XIII. Conforme Adriana Zierer:

A *Visão de Túndalo* pode ser vista como um manual pedagógico da salvação, ensinando o que os fiéis deveriam evitar (os pecados) e as atitudes corretas que deveriam empreender para atingir a salvação na outra vida. Por isso no relato, tanto a figura do anjo quanto dos demônios agem como professores do cavaleiro para que este reconhecesse seus pecados e deles se arrependesse para conseguir a salvação (2010, p.51).

As duas narrativas analisadas nesta pesquisa são relatos que representam a topografia do Além, com foco principalmente nos espaços infernais, buscando apresentar todos os castigos e torturas presentes nesse local, a fim de que esse testemunho sirva como um manual de salvação para aqueles que ouvirem a narrativa. Além disso, ao longo do enredo, são encontrados diversos elementos com significados para a Igreja. A intenção desses elementos é justamente causar medo e abordar a questão da salvação, especialmente em um período em que muitos indivíduos eram considerados pagãos.

Deste modo, esta pesquisa tem como objetivo compreender como se deu a construção de mentalidade sobre os espaços do Além através das Fontes *Visão de Túndalo* e *Visão Thurkill*,

e os impactos na sociedade durante os séculos XIV e XV. A relevância desta pesquisa, intitulada "Haverá choros e ranger de dentes: A topografia do Além e seu papel moralizante- Uma análise nas obras *Visão de Túndalo* e *Visão de Thurkill*", reside na reflexão acerca dos dois relatos que obtiveram ampla circulação durante a Idade Média. O objetivo é compreender o imaginário desenvolvido nesse período em relação à vida após a morte e à representação da topografia do Além, que foram utilizadas pela Igreja Católica como meios para aumentar seu poder e influência na sociedade. Processo que resultou na conversão de muitas pessoas ao cristianismo e na adoção dos preceitos da Igreja em suas vidas.

Portanto, essa pesquisa não tem apenas a intenção de apresentar essas fontes de maneira geral, mas busca, em primeiro lugar, compreender as relações de poder e o papel desempenhado pela Igreja Católica. Além disso, é necessário compreender os problemas econômicos e sociais vivenciados durante a crise da baixa Idade Média, cronologia especial de circulação das fontes em estudo, e como esses fatores influenciaram o surgimento dessas narrativas de viagens imaginárias, bem como sua divulgação através da tradição oral nas praças públicas.

Ao analisar esses aspectos e a influência dessas narrativas na atualidade, percebe-se a persistência da mentalidade, principalmente dentro da Igreja Católica, que exerce influência direta sobre a vida das pessoas. Esse imaginário está ligado à concepção do céu e do Inferno, bem como a uma série de atitudes que perduram até hoje, tais como a celebração da missa em memória dos falecidos, a recepção dos sacramentos pelos cristãos, o pagamento de dízimos, as confissões e a aderência aos mandamentos, entre outros.

Portanto, é importante ressaltar que, atualmente, as concepções do Paraíso e do Inferno ainda são difundidas nos contextos religiosos e a questão da salvação continua sendo uma preocupação significativa para os cristãos. Portanto, torna-se de extrema importância realizar uma análise aprofundada das fontes que descrevem o imaginário medieval, a fim de abranger as influências e permanências desse período na sociedade contemporânea. Além disso, é necessário compreender como os fatores sociais e econômicos contribuíram para o surgimento das narrativas de viagens imaginárias e examinar as relações de poder estabelecidas entre a Igreja e a sociedade.

Desse modo, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica e documental de duas fontes primárias, que são narrativas que circularam durante a Idade Média: a *Visão de Tundalo* nas versões portuguesas dos códices 244 e 266, e a tradução da *Visão de Thurkill*. Ambas as fontes tinham a intenção de apresentar a estrutura dos espaços do Além e as punições destinadas às almas pecadoras, bem como as glórias destinadas àqueles que levaram uma vida virtuosa,

transmitindo normas comportamentais aos indivíduos daquela época, a fim de que os pecadores pudessem reconhecer e se arrepender de seus pecados, levando-os à conversão. Além dessas fontes, serão utilizadas outras obras sobre o período medieval para compreender as estruturas econômicas e sociais da época.

Dessa forma, foi realizada uma análise comparativa entre as duas narrativas, destacando suas particularidades de acordo com o local em que surgiram, os personagens principais e secundários, os elementos presentes em sua construção, os pecados presenciados por cada indivíduo e a forma como cada espaço é estruturado e descrito. Além disso, foi analisada a intenção de cada relato e como foram transformados pela Igreja em manuais de salvação.

Deste modo, a monografia se divide em três capítulos, o primeiro capítulo intitulado “Mudanças ocorridas na Europa entre os séculos XI e XV, sendo este dividido em quatro subtópicos, sendo os primeiros: Portugal e Inglaterra, que estão direcionados para o contexto em que se encontrava esses dois países, que são as localidades onde surgem essas narrativas visionárias analisadas durante a pesquisa, o próximo subtópico denominado “Instituições eclesíástica e a crise no medievo”, que tem a finalidade de abordar a importância da Igreja Católica durante a idade média e o seu papel para a divulgação das narrativas imaginárias.

O próximo e o último subtópico está direcionado para as narrativas de viagens imaginárias da topografia do Além, responsável por apresentar o contexto e surgimento dessas fontes e a sua importância para a construção de mentalidade durante esse período de estudo, abordando o contexto e uma breve apresentação das fontes estudadas que são: *Visão de Tundalo* e *Visão de Thurkill*, e está direcionado para o contexto de crise do século XIV, abordando uma série de mudanças que ocorreram na Europa e que influenciaram a preocupação com o pós morte, permitindo o aumento da circulação dessas fontes.

O segundo capítulo Intitulado “Queimarás no fogo do Inferno”: os espaços Infernais e suas punições nas obras *Visão de Tundalo* e *Visão de Thurkill*, está dividido entre dois subtópicos sendo o primeiro denominado “A punições das Almas pecadoras na *Visão de Tundalo*”, E o segundo “As Arenas de torturas e os jogos teatrais dos demônios na *Visão de Thurkill*”. Este capítulo está direcionado para a análise dos espaços infernais e o Purgatório, dentro das fontes primárias e como estes espaços estavam divididos e as punições direcionadas a almas transgressoras, além de abordar o medo a incerteza que se instalou a respeito das torturas e sofrimentos enfrentados pelas almas pecadoras.

O terceiro capítulo intitulado “Pois é deles o reino dos céus”: o Paraíso e sua hierarquia, está dividido em dois subtópicos, sendo o primeiro intitulado “O Paraíso: local

reservado aos bem-aventurados na *Visão de Tundalo*”, e o segundo “O Paraíso e a santa Basílica na *Visão de thurkiil*”, e o terceiro subtópico denominado “Retorno da experiência extracorpórea e a sua influência moralizadora”, este terceiro capítulo enfatiza os espaços reservados para os eleitos no Paraíso e suas bem aventuranças e como este estava hierarquizado.

Ao longa do desenvolvimento da pesquisa foram enfrentadas algumas dificuldades. Percebe-se que o trabalho poderia ter sido realizado com uma pesquisa mais ampla na bibliografia para analisar os elementos de forma mais específica, porém, devido às limitações presentes nas fontes, houve dificuldades, especialmente em relação aos elementos que compõem o Inferno e à escassez de trabalhos relacionados aos santos apresentados na *"Visão de Thurkill"*, além do pouco referencial teórico encontrado para uma análise mais abrangente sobre a Inglaterra no século XIII.

Diante disso, a pesquisa buscou compreender a interação entre os problemas econômicos e sociais enfrentados pela Europa nos séculos XIV e XV e a mentalidade em relação à salvação e à topografia do Além que emergiu nesse contexto. Analisando o impacto da peste bubônica, das guerras e da fome na transformação das estruturas sociais e religiosas, bem como a forma como a Igreja Católica se utilizou das narrativas de viagens imaginárias para influenciar a crença e as práticas religiosas. A fim de, aprofundar o conhecimento sobre as mudanças ocorridas nesse período, investigando a inter-relação entre os fatores econômicos, sociais e religiosos na construção de uma mentalidade sobre o pós-morte na Europa medieval dos séculos XIV e XV.

1. MUDANÇAS OCORRIDAS NA EUROPA ENTRE OS SÉCULOS XI E XV

O período conhecido como Baixa Idade Média entre os séculos XI e XV, foi marcado por diversas mudanças. Neste período a Europa se encontrava em um sistema chamado feudalismo, após a queda do Império Romano em 476, onde houve um enfraquecimento das relações comerciais e do artesanato urbano, isso ocorreu por conta do grande número de migração da cidade para o campo, por conta das chamadas “invasões bárbaras” e a economia ficou quase exclusivamente focada no meio rural.

Nesta nova forma de organização social e econômica instaurada na Europa ocidental havia grandes propriedades de terras que eram denominadas feudos que pertenciam aos senhores feudais, e a mão de obra era servil. Inicialmente as atividades agrárias eram destinadas apenas para consumo próprio das famílias, apresentando um baixo índice de produtividade, porém devido algumas mudanças ocorridas na estrutura política e econômica gerou um aumento do índice demográfico e redução do índice de mortalidade.

Entre essas mudanças que gerou o crescimento demográfico ocorrido a partir do século XI, pode se destacar: A ausência de epidemias, Segundo Hilário Franco (2001, p.30) a diminuição da população anterior fez com que houvesse a diminuição da difusão das doenças como a peste e a malária, amenizando os deslocamentos de bactérias. Além também do fim das guerras contra os chamados “povos bárbaros”, “a Guerra feudal era feita por pequenos bandos de guerreiros de elite, os cavaleiros. As batalhas propriamente ditas eram raras” (Franco Junior, 2001, p.30). Além do aumento da produção agrícola, que foi favorecida pelas condições climáticas e pelo desenvolvimento de inovações tecnológicas e novos métodos de cultivo, como a mudança do sistema bienal para o trienal de cultivo das terras, que gerou expansão das áreas cultivadas. A respeito do sistema trienal Hilário Franco afirma:

A divisão da terra cultivável em três partes aumentou a extensão da área produtiva, deixando apenas um terço em pousio*, contra metade no sistema bienal dos séculos anteriores. De outro lado, porque o sistema trienal alterou os próprios hábitos alimentares: uma parte da terra era semeada com cereais de inverno (trigo e centeio) e outra com cereais de primavera (cevada e aveia), esta principalmente para cavalos, daí a estreita relação entre sistema trienal e uso daquele animal. A sementeira de primavera, além dos cereais, compreendia quase sempre leguminosas (ervilhas, lentilhas, favas), que nitrogenando o solo mantém sua fertilidade, além de fornecer proteínas para a alimentação humana (2001, p.34).

Dentre as inovações técnicas para o cultivo pode se destacar o uso do arado de ferro que passou a substituir o arado de madeira, possibilitando cavar solos mais resistentes e com

uma maior profundidade, Segundo Rivair Macedo o trabalho no campo teve mais eficiência devido o “aperfeiçoamento das técnicas de cultivo e dos instrumentos agrícolas e utilização mais constante do ferro na fabricação de ferramentas como enxadas, rastelo e forçados, ou de equipamentos como a Charrua, o arado grande com rodas e pontas de metal”(Rivair Macedo, 1994,p.14).

Houve também o aprimoramento e difusão dos moinhos acionados pela força do vento ou da água, A introdução do sistema de cultura em três campos, a utilização do cavalo para puxar o arado que passou a ser pelo pescoço o que aumentava o seu rendimento e resistência. Essas mudanças na agricultura possibilitaram o aumento da produção de alimentos, gerando excedente de produção, conseqüentemente isso acabou contribuindo para o crescimento demográfico da população medieval, revigoração das cidades e do comércio. Além disso, o aumento da oferta de alimentos permitiu a saída de muitos camponeses do campo em busca de outro meio de vida nas cidades, promovendo assim a urbanização na Europa (Rivair Macedo, 1994, p.14).

Outro ponto a ser destacado durante esse período foi a expansão do comércio. A partir do século XI, as atividades comerciais tiveram grande desenvolvimento na Europa ocidental, isso fez com que surgissem as feiras medievais que aconteciam durante 15 a 60 dias uma ou duas vezes por ano, que reuniam mercadores de várias partes do mundo. Além disso, surgiram as corporações de ofícios, que reuniam trabalhadores artesãos de uma mesma profissão, e eram divididos entre mestres, oficiais e aprendizes (Rivair Macedo, 1994, p.15-16).

Desta forma, como já mencionado durante os séculos X e XIII, a Europa teve um relativo crescimento populacional e econômico, por conta das mudanças e evoluções nas técnicas de cultivo e a diminuição dos conflitos e guerras com os chamados “povos Bárbaros”. Mas, apesar de todas essas mudanças na estrutura social, houve um período de crise que se iniciou no século XIV e que perdurou até o fim do sistema vigente, levando a crise do sistema feudal e dando início ao período da idade moderna, com o surgimento de uma nova classe social que se forma no fim da Idade Média que é a burguesia.

Neste sentido, a Idade Média Central é um período histórico de grande estabilidade e de florescimento dos diversos setores da sociedade, que, após chegarem ao limite de seu desenvolvimento no final do século XIII, prepararam, ao entrarem em crise, os primeiros passos da sociedade e do Estado modernos (Bedin, 2001, p. 28).

Esse período de crise foi marcado não apenas por um fator, mas uma série de fatores que afetaram toda estrutura do feudalismo, entre estes pode se citar: As alterações climáticas

que acabaram comprometendo o fornecimento de alimentos, gerando fome em toda Europa, o surgimento de uma epidemia que assolou toda a sociedade gerando uma alta taxa de mortalidade, que foi a peste bubônica e o surgimento de guerras e conflitos, como a Guerra dos Cem Anos, as Cruzadas e as revoltas camponesas. De acordo com Rivair Macedo (1994, p. 32) “As dificuldades naturais e a conseqüente diminuição da produção trouxeram um círculo de calamidades: Mortalidade, subnutrição e falta de resistência dos sobreviventes”.

É importante ressaltar que após a queda do Império Romano a Igreja teve ampla expansão cristã territorial sobre regiões pagãs, e se tornou uma instituição com grande influência, e bastante prestígio, aumentando assim o número de membros, se tornando a instituição oficial do mundo medieval, principalmente com o fortalecimento do papado. “O fortalecimento do papado, além de importante, foi um processo bastante lento, que se consolidou à medida que a própria clericalização da sociedade tomava-se mais sólida e a Igreja passava a ocupar o espaço da sociedade política ou do Estado secular” (Bedin, 2001, p. 23).

É de extrema relevância compreender as contribuições da mesma tanto dentro da economia, política e para o estudo e preservação da História Antiga, onde os monges escreviam e guardavam textos antigos, além de contribuírem também para a construção do imaginário a respeito da vida após a morte, por meio da divulgação das narrativas visionárias e transmissão via oral nas praças na intenção de evangelizar e divulgar os mandamentos da Igreja.

Diante desse cenário de crise em pleno século XIV, todo sistema feudal começa a entrar em decadência, os reis sentem a necessidade de centralizar seus reinos e a Igreja passa também a ser afetada diante desses eventos catastróficos, esses acontecimentos geraram mudança não só na estrutura da social, política e econômica, mas também na mentalidade construída pelos indivíduos a respeito da vida após a morte.

Uma das explicações divulgadas pela Igreja nesse período a respeito da situação em que a Europa se encontrava era a fúria de Deus diante os pecados que vinham sendo cometidos pela sociedade, por conta disso, este era um castigo divino. Deste modo, devido ao grande número de mortes começou a ocasionar dúvidas sobre o destino das almas após a morte. É nesse período que as narrativas de Viagens ao Além são divulgadas a fim de gerar uma explicação sobre o destino das almas após a morte e apresentar os espaços do Além, que é: Inferno, Purgatório e Paraíso, porém a noção de purgatório só é descrita anos mais tarde, anteriormente esse espaço não era bem definido, caracterizado apenas como: Inferno inferior e Inferno superior. A respeito da existência desse segundo espaço Le Goff afirma:

Santo Agostinho havia dividido os homens em quatro categorias os "completamente bons", destinados ao paraíso; os "completamente maus", enviados ao inferno, os "não totalmente bons" e os "não totalmente maus", dos quais não se sabia muito bem a sorte que Deus lhe reservava. imaginou-se que os defuntos que pela ocasião da Morte só estavam carregados de Pecados "leves", desfaziam-se dele sofrendo "penas purgatórias" por meio de um "fogo do purgatório", semelhante ao fogo do inferno e situado em "lugares purgatórios"(Le Goff, 2002, p.31).

Deste modo, pode-se analisar a importância da Igreja Católica na construção do Além como meio de levar os fiéis à conversão e seguirem os preceitos da Igreja. É importante ressaltar que todos os acontecimentos que marcam o fim da baixa Idade Média foram fundamentais para aumentar a divulgação das narrativas imaginárias que trazem uma explicação concreta através de visões de como está estruturada a topografia do Além e as punições direcionadas as almas pecadoras, além de ressaltar as bem venturas do Paraíso. Assim, pode se enfatizar que esses acontecimentos foram essenciais para que a mentalidade dos pós morte fosse divulgada e que se tornassem manuais para os cristões.

Deste modo, são divulgadas muitas narrativas de viagens imaginárias durante esse período, sendo uma das mais conhecidas a *Visão de Tundalo* narrativa que circulou em Portugal no final do século XIV e início do século XV, essa fonte foi escrita em latim por um Monge chamado Marcus e foi traduzida pelas diversas línguas, como para o português na qual é dividida entre dois códices o 244 e 266, ambas as fontes são analisadas durante essa pesquisa.

Devido à grande circulação dessas narrativas que se davam principalmente através da oralidade, visto que era um período em que poucas pessoas eram alfabetizadas, essas fontes ficaram bem conhecidas inspirando assim o surgimento de outras narrativas que apresentavam muitas vezes a mesma estrutura. Outra fonte que também ficou conhecida foi a *Visão de Thurkill*, narrativa produzida na Inglaterra no século XIII, a fonte estudada refere-se a tradução da versão em latim de Roger de Wendover, outra fonte analisada dentro da pesquisa, para compreender como se estrutura a topografia do Além e seus ensinamento e impactos na sociedade medieval.

Como citado anteriormente cada fonte na presente pesquisa são escritas e divulgadas em locais e tempos distintos dentro da Europa, porém possuem a mesma função que é apresentar os locais reservados às almas no pós morte, como forma de evangelização e conversão dos fiéis, por conta disso, busca-se compreender um pouco sobre o contexto histórico que se encontrava a Inglaterra no século XIII, e Portugal no século XIV e XV, para entender de que forma essas fontes foram fundamentais para assimilar esse período de crise e relevância do poder da Igreja diante a sociedade na Idade Média.

1.1 A INGLATERRA NO SÉCULO XIII

Para analisar o contexto em que se encontrava a Inglaterra dentro desse período de crise é necessário compreender que a desestruturação do sistema feudal foi essencial para que os reis visassem se manter no poder, assim várias dinastias procuravam assegurar sua autoridade dentro dos seus reinos. Durante o século XII a dinastia que se encontrava no poder na Inglaterra eram os plantagenetas, que ficou durante um bom período no poder, até a nobreza inglesa reduzir os poderes da monarquia (Macedo, 1994, p.35).

Deste modo, cada vez mais a monarquia foi perdendo sua autoridade dentro do reino inglês, diante aos abusos impostos pelo rei, como a centralização do poder, altos impostos para financiamento de guerras e os conflitos militares, seu ápice foi com a assinatura da carta magna em 1215 no reinado do João sem Terra, que limitou o poder da monarquia e reconheceu direitos e garantias individuais. “Desde a imposição da Magna Carta a João-Sem-Terra em 1215, a política inglesa flutuava, conhecendo fases transitórias de trégua entre o rei e a nobreza, que atuava sobretudo através do Parlamento” (Da Silva, 1976, p. 71).

Porém isso não impediu que o rei utilizasse artifícios para burlar o sistema imposto, assim foi feito também por seu sucessor Henrique III. Durante a permanência dos reis no poder foi feito bastante investimento nas guerras, como se pode perceber com a guerra dos cem anos, conflito ocorrido entre França e Inglaterra entre 1337 e 1453. Onde Eduardo III, ao manifestar interesse pelo trono francês trava uma guerra que perdurou muitos anos. Deste modo, ao serem tomados pela crise os senhores feudais recorreram a guerra, que foi a solução mais fácil encontrada por essas classes dominantes que estavam sendo ameaçadas, onde a nobreza inglesa e francesa tentara encontrar soluções para se manter no poder e resolver as dificuldades, porém a guerra só trouxe mais desgaste na economia e na sociedade, gerando grande número de mortes e ruínas (Le Goff, 2016 p.102).

Além desse extenso período de guerras e conflitos ocorridos dentro do território inglês, é importante ressaltar o poder destrutivo da peste bubônica, que assolou toda a Inglaterra, aumentando drasticamente o índice de mortalidade, juntamente com o aumento de impostos devido a diminuição da mão de obra e abandono dos campos, tomados por fatores climáticos e pela peste, que foram fatores responsáveis crise econômica que tomou conta de todo território Europeu.

Estes são os termos da legislação inglesa relativa à contenção dos exageros em matéria de salários e preços verificados em decorrência da Peste Negra e o que a caracteriza é

a tendência a encarar essas anomalias como simples abusos da camada trabalhadora da população, desejosa de explorar os empregadores, prevalecendo-se de uma momentânea carência de mão-de-obra (Da Silva, 1976, p.94).

Esse momento de crise vai também impactar na estrutura de feudalismo e nas relações estabelecidas dentro desse sistema por meio das classes sociais, principalmente em relação aos senhores e servos, pois com a diminuição demográfica a mão de obra que era servil também reduziu, principalmente em meio a revoltas as chamadas “jacqueries”, isso fez com que fosse exigido melhores pagamentos aos trabalhadores. “Tais pagamentos podiam ser feitos na forma de provisões de comida ou roupas, salário ou outras recompensas” (Dos Santos,2013, p.211).

Deste modo, movidos pela necessidade de mão de obra voltadas a produção e diante das essas alterações nas estruturas sociais levou ao surgimento do decreto dos trabalhadores em 1349, chamado *Ordinance of labourers* durante o reinado de Eduardo III, foram as primeiras leis criadas por governantes voltada para as relações entre senhores e servos, para evitar saída desses trabalhadores dos campos para as cidades. O parlamento foi se tornando cada vez mais influente, principalmente após a morte de Eduardo III, o que só vai aumentar a instabilidade do reino, principalmente com a cobrança de imposto universal para todos os habitantes do reino. “Assim, apesar de a vassalagem não ter tomado fim, acabou perdendo adeptos e progressivamente as guildas começaram a conquistar o controle do governo municipal nas cidades inglesas” (Dos Santos,2013, p.211).

Além disso, a Instituição Cristã também sofreu grandes impactos da peste bubônica com a perda de grande parte dos membros da Igreja. A sociedade passa a levantar grandes críticas a Igreja Católica em relação aos gastos excessivos, com a construção de nacionalidade dos diversos reinos, esta instituição passou a ter seu poder ameaçado e a Inglaterra começou a criar sua autonomia em relação ao papado. O papado então vai perder toda credibilidade e influência que tinha dentro da política tanto na política internacional, como também nos dentro dos reinos que foi cada mais limitando.

Essa crise se intensifica também no campo religioso, onde a Igreja vai ser questionada por diversas atitudes, motivada pelo descontentamento da população, que se inicia com a grande cisma do ocidente, separação que ocorreu dentro da Igreja católica em relação ao papado, após a morte de Gregório VI, e início das eleições para escolher o novo papa. Deste modo, após a vitória do arcebispo de Bari, intitulado Urbano VI, muitos os cardeais não concordaram e assinaram um documento que colocava a eleição como nula, elegendo assim outro papa que recebeu o nome de Clemente VII, essa atitude não agradou os papas que se consideravam legítimos e excomungaram-se, fazendo com que o mundo católico e dividisse entre os dois

papas. Só terminando anos depois com o Concílio de Constância, que pôs fim nessa disputa por poder dentro da Igreja.

Esses conflitos ocorridos não só na Inglaterra, mas também em toda a Europa se intensificaram mais nos séculos XIV e XV. Fazendo com que a morte, que até então era algo natural para as pessoas, que se preparavam por meio da unção dos enfermos, confessando seus pecados e recebendo o perdão divino antes de sua morte, passasse a ser alterada. Essa espera pela morte acaba sendo modificada em decorrência a essa série de eventos catastróficos que aumentou consideravelmente o número de mortes em diversas camadas sociais dentro da Europa. É nesse contexto que as narrativas das viagens imaginárias vão começar a fazer parte da construção de mentalidade dos pós morte dentro do medievo, surgindo no território inglês uma narrativa que ficou bastante conhecida que foi a “*Visão de Thukill*”, que além de representar todo esse período de atividade econômica ligada ao campo, também apresenta a topografia do Além e a importância dos santos dentro do relato.

1.2 PORTUGAL NO SÉCULO XIV

Como citado anteriormente a crise do século XIV, se instalou em toda a Europa e Portugal também foi afetada. José Rivair Macedo no livro “Movimentos populares na Idade Média”(1994, p. 35-45), aborda sobre os problemas sociais enfrentados por Portugal. Este período foi marcado por várias agitações entre as camadas populares, problemas enfrentados tanto no campo como também nas cidades, durante e após a calamidades decorrentes da peste bubônica, baixa produção agrícola e dos efeitos pós-guerra.

Durante esse período de crise ocorreu a chamada revolução de Avis, que iniciou-se no ano de 1383, durante o período em que a Europa enfrentava a guerra dos cem anos, esse período foi marcado por uma série de eventos e conflitos que ocorreram no território português em decorrência a disputa de poder do trono e que levou ao fim da dinastia Afonsina dando início a dinastia de Avis, Com a coroação de João, que ficou conhecido como Dom João I, rei de Portugal, esta revolução foi de extrema importância para a consolidação de Portugal enquanto nação.

Desse modo, é importante ressaltar a atividade predominante ao norte do território português eram as atividades rurais, onde a pecuária e a agricultura eram essenciais para a sustentação da nobreza, porém é importante destacar que nesse período as atividades urbanas já estavam se desenvolvendo, as classes sociais existentes durante o feudalismo já estavam

sendo modificadas com o advento da burguesia e também com a diminuição da servidão nos campos, porém mesmo com a diminuição da servidão nos campos, os camponeses continuavam a prestar serviços aos proprietários agrícolas.

Já na região sul do território português, o trabalho no campo ainda tinha resquícios do feudalismo, onde os seus trabalhadores eram totalmente explorados com as péssimas condições de trabalho e também com uma série de impostos a serem pagos, deste modo, isso fez com que muitos camponeses se revoltaram e escapassem dessa opressão senhorial, passando a ocupar as cidades e viver sobre dependência econômica da burguesia(Macedo, 1994, p. 61), que era a nova classe social que ascendia durante esse período nas cidades, estes trabalhadores passaram a receber dinheiro em troca do serviço prestado.

De rarefeita e mal distribuída constituía-se essencialmente a população portuguesa. Fator complicante diante da mobilidade populacional que se instalava ante o advento de uma expectativa que impulsionava os passos do agricultor em sentido inverso ao campo: às atividades urbanas associava-se maior liberdade e melhor paga (Lemes, 2013, p. 83).

Deste modo, aos poucos as classes sociais passam a serem modificadas devido ao acúmulo de poder riqueza da burguesia que se iniciou com “aumento de importância do comércio, das operações financeiras e da produção artesanal urbana. nas grandes cidades, como Porto Coimbra e principalmente Lisboa, a influência dos cavaleiros Mercadores ou dos cidadãos honrados cresceu imensamente” (Macedo, 1994, p.61).

Com o início da crise que começou na segunda metade do século XIV, a densidade demográfica reduziu drasticamente, vários indivíduos de diversas camadas morreram em decorrência das epidemias, isso fez com que afetasse não só na estrutura social, mas principalmente na economia com a baixa quantidade de trabalhadores, diminuindo assim a mão de obra nos campos marcando um período de tensão entre as camadas sociais onde os reis tentavam de todas as formas prender esse trabalhador no campo, gerando assim uma série de revoltas e também aumentando “o número de imigrantes, mendigos e vagabundos no reino. alguns abandonaram o campo para viver de esmolas em Lisboa ou Porto. Outros até se disfarçavam de religiosos para poder suplicar ajuda sem medo das autoridades” (Macedo,1994, p.61).

Por conta da desvalorização da atividade no campo em decorrência da peste bubônica durante esse período de crise, o rei português Fernando I, criou a lei das sesmarias, que foi promulgada em 28 de maio de 1375, e tinha como pretensão diminuir o esvaziamento no campo, estimulando assim a produção agrícola. “Além de impor o recrutamento de assalariados, a favor

da classe burguesa. tanto rural como urbana, contribuiu também para agravar a luta entre a burguesia e a classe feudal, uma vez que esta última sentia declinar o seu prestígio, junto ao rei, a favor de uma classe em ascensão” (De Gonçalves, 1981, p.89).

Porém, anos depois com a morte de Dom Fernando, sem a presença de um herdeiro masculino para ocupar o trono, por conta disso, D. Leonor Teles ficou como regente em Portugal, mas devido ao grande medo do reino ficar sob o controle de Castela, houve uma série de revoltas dentro de Portugal. Esse conflito volta a se intensificar, dando início então à revolução de Avis, com a disputa pelo trono português, onde Dom João estava apoiado pela burguesia e parte da nobreza e de camadas populares.

Desse modo, essa revolta contou com grande participação popular, apesar de não representar os interesses dessa classe, porém durante a dinastia de Avis, com uma carta que foi redigida foi possível ter a garantia de alguns direitos aos habitantes de Lisboa. A partir desse período as camadas populares passaram a ter mais participação na administração da Comunidade e passou a participar do conselho do reino, além disso, houve modificação na cobrança de impostos, onde o valor a ser pago nos impostos seriam de acordo com a riqueza de cada um, sendo isento os mais pobres da cobrança de impostos (Macedo,1994, p.64).

Durante esse período se inicia a representação a respeito do rei Dom João, a fim de apresentar uma imagem de “salvador” do reino português. É a partir desse período que o cronista Fernão Lopes vai iniciar as crônicas de D. João I, este “nos seus escritos assume a postura de um historiador, pois procurava atestar a veracidade dos documentos, chegando a ir a túmulos para verificar os nomes” (Zierer,2014, p.42). Essas crônicas eram divulgadas a fim de servirem como instruções para os príncipes e reis.

Essas crônicas buscavam também passar a imagem de D. João como o escolhido por Deus para resolver todos os problemas sociais enfrentados por Portugal, sendo sempre representado como o rei que tentava combater os às práticas pagãs do reino luso, isso também vai abrir portas para uma série de escritos que vão começar a circular no reino luso a respeito da concepção sobre a morte e também induzindo as boas práticas cristãs, ratificando a importância em seguir os mandamentos, é nesse período também que irá circular uma das fontes mais conhecidas sobre o pós morte, como a representação da topografia do Além que até então era desconhecida pela sociedade medieval.

1.3 A CRISE SOCIAL E AUMENTO DA MORTALIDADE

Após esse período de “relativa paz”, entre os séculos X e XIII, em que a Europa prosperou devido ao crescimento da população e das cidades. A partir do século XIV, iniciou-se uma crise prolongada marcada por fome, doenças e revoltas sociais. Dentre esses acontecimentos pode se citar as cruzadas, que foram expedições militares e religiosas ocorridas entre os séculos XI e XIII, que “tinha um objetivo de reintegrar na cristandade a terra santa, isto é, Jerusalém e regiões vizinhas, e na própria Europa, onde a Península Ibérica estava em mãos de muçulmanos e as regiões orientais, além rio Elba, eram território pagão” (Franco Junior,1999,p.38). Deste modo, estes se dirigiram para o Oriente a fim de combater os muçulmanos, e tinha como objetivo principal reconquistar Jerusalém.

Essa guerra em suas primeiras fases estava totalmente ligada à Igreja Católica que viam nessas expedições, as chamadas “guerras santas” além de uma reconquista, uma tentativa do papado de unir as Igrejas do Ocidente e do Oriente, que foram separadas devido o cisma do ocidente, além disso, seria forma de manter as peregrinações e suas práticas religiosas, que só seria possível por meio da expulsão dos muçulmanos, que eram considerados pagãos. Além disso, os indivíduos que perdessem sua vida dentro das batalhas contra os muçulmanos, segundo a Igreja seria perdoado pelos seus pecados.

Muitos nobres investiram seus bens nessas expedições, a fim de conquistarem terras do oriente e procura de novas rotas comerciais. Estas foram nove ao total, alternadas por perdas e vitórias, com o passar do tempo as motivações foram se modificando, para as pretensões comerciais que se intensificaram bastante durante esse período de conflito. Essas batalhas acabaram gerando enfraquecimento do sistema feudal, enfraquecimento da nobreza que se endividou montando as cruzadas aumento do comércio entre o Oriente e o Ocidente.

Outro conflito que ocorreu entre esse período foi a Guerra dos cem anos, foi um conflito entre França e Inglaterra motivada por disputas políticas e econômicas, que ocorreu entre 1337 e 1453, alternando o período de combates e tréguas. Houve também as revoltas camponesas em decorrência da exploração que estavam submetidos de salários e o aumento do valor das prestações devidas pelos servos, além das da péssima condição de vida para os que sobreviveram à peste, isso provocou inúmeras insurreições camponesas e apesar de toda mobilização a revolta foi reprimida e mais de 20 mil camponeses foram massacrados pelos exércitos dos reis e seus aliados.

Além das cruzadas, outro fator que levou a crise entre esse período foram as alterações climáticas como o aumento de chuvas e frio intenso, que destruíram plantações, comprometendo o fornecimento de alimentos. A falta de produtos provocou a elevação dos preços, e grande parte da população europeia sofreu com a grande fome. Além disso, as

condições de higiene na Europa eram péssimas, pois não havia encanamento de esgoto e os lixos das casas eram lançados às ruas, tudo isso contribuiu para que uma terrível epidemia de peste atingisse todo o território europeu. “A Peste Negra foi imediatamente seguida de uma carestia de grãos, posto que a profunda punção demográfica produzida se fez sentir, mais do que na diminuição do número de bocas a alimentar, na redução dos braços para o trabalho da terra” (Bastos,2009, p.39).

Tal frequência de distúrbios climáticos teria desalojado de seus focos naturais elevadas quantidades de roedores infestados de pugas e do bacilo pestífero, ainda hoje comuns na Mandchúria, Mongólia e Turquestão. Seriam eles que, ao se dispersarem, juntamente com as primeiras populações infectadas, ensejaram a disseminação da doença. Sua marcha para Ocidente seguiu as duas principais vias de comércio (Bastos,2020, p.151).

A peste era provocada por uma bactéria transmitida por pulgas que ficavam os ratos e depois, os seres humanos. Ela foi trazida para a Europa por navios vindos do Oriente e matou cerca de 25 milhões de pessoas, um terço da população da Europa na época. É importante ressaltar que durante esse período de contaminação o vetor da doença ainda não havia sido identificado e por não ter uma medicina avançada, várias conspirações passam a existir a fim de dar uma explicação concreta a respeito da contaminação e aumento da mortalidade no medievo. Naquele tempo, os médicos acreditavam que a peste era uma manifestação das forças do mal. Era vista como uma entidade viva e contaminante que pairava sobre as cidades, levando à morte aqueles que cruzavam seu caminho. Seu objetivo maior parecia ser desestruturar o tecido social, espalhando o medo e a devastação entre as comunidades (Bastos, 2020, p. 157).

Todos os países europeus da era moderna estiveram, em maior ou menor grau, sujeitos a periódicos anos de crise, basicamente traduzidos, num contexto de elevada mortalidade “normal”, por um brusco e violento acréscimo dos óbitos, imposto por causas de tipo endógeno ou exógeno, não necessariamente intrínsecas à população atingida. Ainda que pontualmente marcassem sua presença, as crises repercutiram de forma variada, segundo períodos e lugares, de acordo com o complexo conjunto de elementos que as originava. (BASTOS, 2009, p. 36).

Durante muito acreditou-se que a manifestação da epidemia se dava por meio do ar, desse modo, muitos médicos do período utilizavam máscaras que possuíam ervas, para evitar que entrassem em contato com o ar. Diversas medidas também foram tomadas para a purificação do ar das cidades, realizou-se a limpeza das ruas, praças e áreas coletivas com a máxima diligência. Além disso, descartou-se a sujeira acumulada durante esse processo em áreas afastadas, preferencialmente à noite, para evitar horários de grande concentração de pessoas. Com o intuito de recuperar a qualidade do ar, promoviam fogueiras com ervas aromáticas,

visando a eliminação de odores desagradáveis e a purificação do ambiente (Bastos, 2020, p. 160).

Desse modo, para evitar a contação das pessoas passaram a fazer o isolamento das pessoas contaminadas pela doença, que eram expulsas, podendo estas se recuperarem ou até mesmo morrerem longe das cidades, além da fiscalização da entrada dos viajantes que estivessem adentrando as cidades, e dos navios que faziam comercialização, fazendo também a desinfestação dos produtos. “A Igreja e, mais particularmente, certas ordens religiosas construíram os primeiros hospitais que eram chamados “casas de Deus” (Le Goff, 2007, p.63). Durante o período de epidemia foram estabelecidas também alguns hospitais para os infectados, porém as pessoas mais pobres não tinham acesso a esses locais, além disso, esse espaço pequeno era dividido entre várias pessoas que iam ocupando o lugar dos outros no leito após a morte.

Devido o advento da epidemia e dos problemas climáticos resultando na escassez de alimentos fez com as pessoas recorrem a outros meios para garantir a sua sobrevivência. A alimentação em geral, eram ainda mais pobres em calorias e vitaminas e, muitas vezes, impróprios para o consumo humano: cevada, na melhor das hipóteses, mais frequentemente bolotas, cascas de árvores, diversas raízes, vísceras, tripas e até carne de animais em decomposição. Isso, por si só, frequentemente contribuía para surtos de tifo ou disenteria, e preparava o terreno para a propagação da peste (Bastos, 2009, p. 39).

Desse modo, a peste bubônica vai afetar não só índice demográfico e na economia mas também em diversas esferas da sociedade, principalmente voltado para o meio religioso, onde a Igreja irá caracterizar esse período como uma espécie de “castigo divino”, influenciando também a cultura medieval com o surgimento das “danças macabras” e diversas expressões artísticas como pinturas ,modificando a mentalidade medieval que se tinha a respeito da morte, que passou a ser temida pelos médicos e se tornou um meio de evangelização utilizado pela Igreja Católica.

As Litanias Maiores constituíram-se numa espécie de referência de base da concepção cristã da doença. Definiram suas origens, motivações, evocaram imagens e, sobretudo, fixaram a perspectiva de superação. Núcleo primordial, em torno dele o discurso cristão multiplicou referências, precisou e alargou o campo de imagens, ampliou a esfera dos recursos, possíveis e sagrados, voltados à superação do flagelo quando, a partir da Peste Negra, a ira persistente de Deus impôs um castigo recorrente à humanidade (Bastos, 2009, p. 54).

Nesse período a literatura também vai ser influenciada por esses acontecimentos, produzindo vários relatos a respeito da peste e seu poder destrutivo. Devido ao número de mortes ser superior ao número de nascimentos durante esse período, a morte que até então era

vista como um “evento natural da vida”, passa a ser um meio de preocupação para os indivíduos, que passam a questionar sobre o que aconteceria com as almas após a morte e para quais locais essas almas seriam destinadas. Deste modo, surgem várias narrativas que têm a função de descrever a topografia do Além e os locais aos quais as almas seriam destinadas, além de apresentar no decorrer do relato uma série de castigo que estas sofreram de acordo com cada pecado praticado ainda em vida, apresentando também os espaços direcionados aos bons, estes relatos foram utilizados pela Igreja como manuais cristãos que tinham a função de evangelizar e levar indivíduos a conversão.

1.4. AS INSTITUIÇÕES ECLESIASTICAS E A CRISE NO MEDIEVO

As Instituições Eclesiásticas tiveram grande influência na vida das pessoas durante a Idade Média presente nas diversas estruturas, sendo elas: políticas, culturais, eclesiásticas, sociais, cotidianas e principalmente mentais, aspectos presentes na obra de Franco Jr. (2001) “A Idade Média nascimento do Ocidente”, apresentando a forma como os relatos de viagens ao Além influenciavam a vida daqueles indivíduos. “Assim situada, a Igreja passou a exercer uma dupla função: a de instituição oficial do mundo medieval e a de instituição guardiã e intérprete autorizada do conhecimento da Antiguidade Clássica” (Bedin, 2001, p.21).

É importante destacar que, durante a Idade Média, a sociedade era dividida em ordens sociais, conhecidas como: *oratores*, *bellatores* e *laboratores*, cada qual desempenhando funções específicas. A Igreja ocupava o ponto mais alto dessa hierarquia, e dentro dela existia uma hierarquia interna composta pelo clero secular e o clero regular. Cada ordem social tinha sua posição definida, mas havia uma interdependência entre elas. A Igreja se encarregava da intercessão e da salvação das almas dos fiéis, enquanto os fiéis, através de seu trabalho, sustentavam a Igreja.

Com o desenvolvimento da fé cristã na Europa a Igreja passou a ter um papel muito importante dentro da sociedade, sendo esses social e político, tendo como função principal a conversão dos pagãos. Deste modo, a Igreja também passou a exercer uma espécie de hierarquia dentro da sociedade, como citado anteriormente, o clero regular e secular, uns responsáveis por se abster das questões materiais vivendo em função do plano espiritual e outros responsáveis pela administração das riquezas e ligados a questões políticas da época.

A Igreja sucedeu ao Império Romano como guardiã da cultura romana, facilitando a fusão entre esta e a cultura germânica e estabelecendo a hierarquia clerical. O clero sustentava-

se através de esmolas e dízimos, instituindo o celibato clerical no Sínodo de Elvira, na Espanha, em 306 (Franco Junior, 2001, p. 90). Outros aspectos distintivos que separavam o corpo eclesiástico da sociedade incluíam a isenção de impostos e o direito a um tribunal próprio. O bispo de Roma assumiu uma posição de liderança sobre seus pares a partir do final do século IV, adotando o título de papa, ou pai espiritual de todos os cristãos. Surgiram também grupos que buscavam servir a Deus através da vida eremítica em locais isolados.

Como é o caso dos monges, que viviam nos Mosteiros. O clero secular, representando a hierarquia oficial da Igreja, e o clero regular, constituído pelos monges, desenvolveram uma teologia monástica baseada nos votos de castidade, obediência e pobreza. A pobreza, no contexto monástico, não é vista como miséria, mas como a posse apenas do essencial. Consequentemente, o monge não deve ter posses pessoais, embora o mosteiro possa possuir propriedades doadas. A castidade, ao negar a posse do próprio corpo, é considerada uma forma de pobreza e, por sua vez, uma forma de obediência, já que implica na renúncia ao usufruto corporal (Franco Junior, 2001, p. 94). As ordens monásticas também assumiram um papel evangelizador, dedicando-se à conversão das populações rurais nos séculos IV, V e VI.

Durante a Idade Média, houve uma notável influência cultural da cultura eclesiástica ou clerical, onde os clérigos utilizavam o latim tanto na fala quanto na escrita. Esta cultura eclesiástica incorporava certas práticas folclóricas. Além disso, a Igreja exercia um papel significativo sobre a cultura intelectual, incluindo universidades, literatura, artes liberais, arquitetura e filosofia, “a Igreja começou a estimular e financiar a produção artística de painéis e esculturas que remetesse à tradição cristã” (Cappellari, 2011, p.176). São Tomás de Aquino teve uma influência cultural marcante, contribuindo para a produção literária, cópias da Bíblia sagrada e o desenvolvimento dos estilos românico e gótico na arquitetura. A arte também foi amplamente utilizada para propósitos religiosos, incluindo hagiografias, resultando no prestígio da teologia durante esse período.

As instituições eclesiásticas também valorizavam a castidade, o matrimônio, a abstinência entre os celibatários, e combatia práticas como a homossexualidade e a bestialidade. Houve um esforço para promover uma união matrimonial baseada no consentimento mútuo, em contraposição aos interesses políticos ou econômicos. O matrimônio só poderia ser dissolvido pela morte de um dos cônjuges, a menos que houvesse parentesco próximo entre os casados, casos de bigamia ou infidelidade feminina. Além disso, os noivos não podiam ter parentesco até o sétimo grau para evitar o incesto. No início do século XII, desenvolveu-se o ritual eclesiástico do casamento.

Na tentativa de dificultar o incesto e de estimular a circulação das riquezas, impedindo sua excessiva concentração em poucas famílias, a Igreja determinou que os noivos não tivessem parentesco abaixo do sétimo grau. De fato, na aristocracia o casamento era um importante negócio, que afetava não apenas as pessoas diretamente envolvidas, mas todo o clã. Se a mulher era a herdeira dos bens patrimoniais de sua família, precisava de um marido para administrar o senhorio* e ser responsável pelas relações feudo-vassálicas relativas àquela terra (Franco Junior, 2001, p. 175)

A partir do início do século IX, ganhou destaque a teoria do agostinianíssimo político, influenciada pelo direito canônico e pelas ideias de Santo Agostinho. Esta teoria enfatizava a superioridade espiritual sobre o poder temporal, defendendo a autoridade dos bispos sobre os reis (Franco Júnior, 2001, p. 97). Com o movimento do renascimento carolíngio, os bispos, dotados de conhecimentos teológicos, desenvolveram a ideia de que o rei recebe o poder de Deus para a salvação do povo. Posteriormente, argumentou-se que o rei deveria agir conforme a vontade de Cristo, o Rei dos Reis, sendo orientado pelos bispos nesse sentido.

A fundação do mosteiro de Cluny, na Borgonha, foi crucial para o fortalecimento gradual do poder da Igreja. Esse mosteiro desempenhou um papel central na elaboração da ideia da Paz de Deus e, conseqüentemente, da Cruzada. Na Paz de Deus, os nobres eram proibidos, sob pena de excomunhão, de cometer violência contra outros cristãos. O conceito conhecido como "Paz de Deus", estabelecido no século XI, que fazia a proibição do uso de armas em determinados dias da semana, como a quinta-feira, sexta-feira, sábado e domingo, assim como durante períodos específicos do calendário litúrgico, como o advento, quaresma, páscoa e pentecostes, visava a manter a ordem religiosa, social e política conforme os desígnios de Deus (Franco Júnior, 2001, p. 100).

Esse princípio contribuiu para a ideia de que os cristãos deveriam engajar-se em uma guerra sagrada contra hereges ou muçulmanos, o que resultou no surgimento das Cruzadas. Além disso, os conflitos entre papas e imperadores levaram à criação de novas ordens monásticas. A partir do século XII, o papa reafirmou seu poder sobre o clero, promovendo a fundação de universidades, nomeando novos clérigos e reconhecendo novas ordens religiosas. “O fortalecimento do papado, além de importante, foi um processo bastante lento, que se consolidou à medida que a própria clericalização da sociedade tomava-se mais sólida e a Igreja passava a ocupar o espaço da sociedade política ou do Estado secular” (Bedin, 2001, p.23). Em relação aos leigos, a Igreja passou a exigir o pagamento do dízimo, regulamentar questões relacionadas à vida sexual, orientar a atividade profissional e estabelecer normas de comportamento social.

A Igreja iniciou o processo de canonização de santos e mártires perseguidos durante o Império Romano, e ao longo do tempo surgiram críticas crescentes contra ela. Essas críticas a

acusavam de acumular muitas riquezas, contrastando com a pobreza de algumas ordens religiosas. A Igreja também promoveu cruzadas contra as heresias internas e contra os muçulmanos que “tinha um objetivo de reintegrar na cristandade a terra santa, isto é, Jerusalém e regiões vizinhas, e na própria Europa, onde a Península Ibérica estava em mãos de muçulmanos e as regiões orientais, além rio Elba, eram território Pagão” (Franco Júnior, 1989, p.38). Começou a surgir questionamentos sobre o poder papal, argumentando que esse poder deveria pertencer exclusivamente a Cristo, e que todos, incluindo o papa, deveriam obedecer a ele. Esses questionamentos resultaram em vários episódios de conflito entre papas e monarcas, resultando até mesmo na chamada cisma do ocidente.

A Igreja, era responsável por transmitir os ensinamentos de Deus, influenciava profundamente o cotidiano da sociedade medieval, atuando não apenas no âmbito espiritual, mas também no terreno, mantendo seu poder sobre a sociedade. A Igreja desempenhava o papel de mediadora entre Deus e os homens. Conforme destaca Solange Oliveira (2012, p. 23): “Os medievos não poderiam alcançar a salvação por conta própria e precisavam da mediação feita pelos clérigos entre o céu e a terra, por falta de uma validação sagrada para que, desse modo, pudessem alcançar as graças divinas”.

A religiosidade permeava diversas estruturas durante a Idade Média, desempenhando um papel de grande importância e influenciando inúmeros aspectos da vida. A Igreja promovia o celibato entre os membros do clero. Essa prática era comum entre os religiosos, e permeia até a atualidade dentro das Igrejas católicas, esta determina a abdicação dos prazeres terrenos, se comprometendo em não casar ou manter relações sexuais, para se dedicar exclusivamente a servir à Deus.

A Igreja também combatia práticas como o aborto e o infanticídio, essas práticas segundo a Igreja Católica eram consideradas pecados, tendo como pena a excomunhão, “na Idade Média, por exemplo, a infanticida deveria ser enterrada viva, empalada ou lacerada com tenazes ardentes” (Nascimento; Tavares, 2022, p. 154). Em uma de suas declarações a respeito do aborto, Papa Pio 9 afirma que “a vida começa na concepção e deve ser protegida depois disso[...] Na tradição judaica, o feto é parte da mãe[...]; entretanto, a passagens nas escrituras que consideram o primeiro respirar como o início da vida”. Estes atos combatidos pela Igreja Católica e pelos religiosos tinham como objetivo incentivar o crescimento populacional, conforme o mandamento de multiplicação presente no livro de Gênesis. Além disso, durante a transição do estilo românico para o gótico, foram construídos muitos espaços amplos para as celebrações religiosas devido ao aumento da população, resultando também em um crescimento no número de pessoas frequentando as catedrais.

Durante a Idade Média, a Igreja exercia uma influência significativa sobre a sociedade. Enquanto proibia a escravidão entre cristãos, estimulava-a para os infiéis, como muçulmanos, judeus e eslavos, que segundo essa instituição eram indivíduos considerados heréticos, por conta disso, foram criadas leis para os escravos fugitivos, uma das garantias de liberdade era a conversão ao cristianismo. Além disso, a Igreja condenava a prática da usura, entendida na época medieval como qualquer empréstimo com juros, sendo considerada pecado pelos religiosos, e era uma prática associada principalmente à emergente classe burguesa durante o feudalismo.

A Igreja Católica exercia uma influência sobre todas as esferas da sociedade predominantemente agrária da época, tanto concedendo quanto recebendo feudos. Controlava aspectos íntimos da vida dos indivíduos: a consciência por meio da confissão, a vida social através do matrimônio, o tempo pelo calendário litúrgico, o conhecimento ao dominar as artes, festividades e pensamento, e até mesmo a vida e a morte por meio dos sacramentos. A Igreja legitimava as relações horizontais ao santificar o contrato feudo-vassálico e as relações verticais ao justificar a dependência servil. Como produtora de ideologia, a Igreja difundia uma imagem idealizada da sociedade, refletida na "ideologia" das três ordens: aqueles que rezam (o clero), aqueles que lutam (a nobreza) e aqueles que trabalham (os servos).

A Igreja tentava exercer um controle sobre a conduta sexual durante dias santos e festas religiosas. O trabalho era interpretado pela Igreja Católica como uma consequência do pecado, uma maldição, levando os clérigos a evitar a ociosidade ao se dedicarem a assuntos religiosos. O calendário eclesiástico era marcado por numerosas festas religiosas, como a Páscoa, o Natal, a quaresma, além de celebrações em honra a santos e festividades juninas. A morte era vista como o início da vida eterna e uma passagem de fase temporal, mas ao longo do tempo começou a ser percebida de forma negativa por muitos, que passaram a encará-la como uma inimiga a ser evitada e combatida.

Portanto, o sagrado era o ponto central de referência em todas as coisas, manifestando-se através de hierofanias. Na visão medieval, o "sagrado" abrangia o "profano", sem separação entre a esfera religiosa e outras áreas como política ou economia. A teofania, ou manifestação de Deus, incluía a participação divina, de anjos, santos e demônios na vida cotidiana. Narrativas de viagens para além da vida, contemplando o Paraíso, Purgatório ou Inferno, intervenções sobrenaturais, práticas mágicas ou relatos de milagres, eram representações simbólicas da religiosidade medieval. Além disso, o caráter militarista do cristianismo medieval e as relações Paraíso contratuais com o sagrado eram expressos na analogia do vínculo feudo-vassálico entre Deus e os homens.

1.5 AS NARRATIVAS DE VIAGENS IMAGINÁRIAS E A TOPOGRAFIA DO ALÉM

A concepção que se tinha sobre a vida após a morte foi se alterando com o passar do tempo, de acordo com as transformações e experiências vivenciadas pela sociedade. Assim, como citado anteriormente, para os indivíduos a morte só passa a ser uma preocupação a partir dos séculos XIV e XV, período em que a sociedade estava passando por uma série de transformações e atribulações como a peste bubônica, guerras e até mesmo a fome, resultando em inúmeras mortes e que de certa forma ocasionou algumas mudanças tanto na estrutura social, como espiritual, gerando uma preocupação maior com o destino das almas após a morte.

É nesse contexto que surgem as narrativas de viagens imaginárias, relatos de indivíduos que vivenciaram experiências extracorpóreas e tiveram a oportunidade de conhecer os espaços do Além. Esses relatos visavam a redenção dos pecados e a conversão de outras pessoas por meio dos testemunhos desses viajantes. A partir dessas narrativas visionárias, as pessoas desenvolveram concepções sobre os espaços além do mundo terreno, os quais seriam destinados às almas após a morte.

A literatura visionária medieval sobre o além-mundo abarca um número expressivo de relatos, em que um visionário deixa seu corpo e, em espírito, empreende uma jornada ao mundo dos mortos acompanhado por um guia, geralmente anjo ou santo, com permissão para testemunhar onde e em que condições vivem os mortos no além. Terminada a viagem, o visionário regressa com a incumbência de alertar seus iguais a respeito do iminente perigo de terminarem a eternidade no espaço reservado ao castigo dos maus (Wotckoski, 2019, p.241)

Além disso, na Idade Média, a salvação estava intimamente relacionada com o conceito de viagem, pois a terra era considerada apenas um local de passagem, repleto de tentações que corrompiam o homem. Portanto, o papel do indivíduo era manter-se purificado para alcançar a salvação divina e evitar a condenação eterna. Em razão disso, a sociedade buscava a salvação por meio de peregrinações, que consistiam em viagens repletas de dificuldades e desafios com o objetivo de alcançar a Terra Santa. Além dessas viagens, outro caminho para a salvação era levar uma vida dedicada exclusivamente à Igreja, afastando-se dos prazeres mundanos e do pecado.

“Com base na ameaça do Juízo Final, quando os bons iriam para junto de Deus, enquanto os maus passariam o resto da eternidade sendo torturados e atormentados no Inferno, a Igreja pôde se consolidar com força e exercer um forte controle social que chegaria a seu ápice com a Santa Inquisição” (Cappelari, 2011, p. 180).

Segundo a Igreja, todos os indivíduos eram considerados pecadores devido ao pecado original e possuíam livre arbítrio para fazer suas escolhas e decidir qual caminho seguir. Eles podiam optar por praticar os mandamentos, receber os sacramentos, fazer jejum, dar esmolas aos pobres e realizar a confissão, ou, alternativamente, seguir uma vida de pecado, entregando-se às vaidades do mundo. No entanto, cada indivíduo seria responsável pelo destino de sua alma e, de acordo com sua vida terrena, experimentaria os castigos ou a glória eterna. Segundo Franco Junior (1999, p.21) “O destino da humanidade ressuscitada não depende apenas da vontade de Deus todo-poderoso, pois este respeita as regras que fixou, fazendo a situação dos homens e das mulheres no além depender de como se comportaram durante a vida terrena”.

Igreja Católica como instituição teve um papel fundamental no sentido de buscar garantir a salvação da sociedade, por meio da orientação dos clérigos aos leigos e de indicar uma série de ações, visando garantir um bom lugar na outra vida, tais como: assistir missas, rezar (principalmente o Pai Nosso, o Credo e a Ave Maria, considerados eficientes contra as forças de mal), fazer uso dos sacramentos (batismo, eucaristia, entre outros), o sinal da cruz, realizar a confissão e o arrependimento dos pecados (indulgências), fazer doações, entre outras medidas.(Nascimento; Tavares,2022, p. 23)

Desse modo, as pessoas não tinham medo de morrer, mas sim de fazer a passagem para o plano espiritual sem que a alma estivesse totalmente preparada para alcançar as graças do Paraíso por esse motivo a Igreja exercia um importante papel na vida desses cristãos, principalmente por ser a mediadora entre a terra e o plano celeste. Assim, os indivíduos deveriam exercer uma série de práticas que os levariam a salvação como receber os sacramentos, praticar jejum, fazer doações, o que favoreceu ainda mais o prestígio da Igreja durante a Idade Média.

Por meio da análise das duas narrativas de viagens imaginárias ao Além Medieval, *Visão de Túndalo* e a tradução da *Visão de Thurkill*, bem como da leitura de diversos artigos sobre essas fontes, foi possível realizar uma análise detalhada. Essa análise permitiu observar as aproximações e distâncias na construção dessas duas viagens imaginárias, com foco particular no perfil dos personagens principais, nos elementos presentes nos relatos e na estrutura dos espaços descritos no Além em ambas as narrativas.

O estudo das viagens medievais foi essencial para compreender os elementos apresentados nas duas narrativas analisadas e para entender a estrutura dos espaços do Além-Túmulo descritos na *Visão de Túndalo* e na *Visão de Thurkill*. Segundo Paulo Lopes (2006, p. 12), “A narração no livro de viagens medieval apresenta-se, pois, como linear e contínua,

protagonizada por um só personagem individual ou coletivo, real ou fictício, quase sempre o narrador da história.” Os relatos dos viajantes constituem uma forma literária que reflete a concepção de mundo da Idade Média e são fontes valiosas para entender a mentalidade e a cultura medieval.

Como mencionado anteriormente, o aspecto mais crucial de uma viagem medieval, seja ela real ou imaginária, é o trajeto que o viajante deve percorrer e a descrição dos acontecimentos vistos e vividos ao longo da jornada. Segundo Le Goff, “Os principais relatos latinos de viagem ao Além apresentam-se sob a forma de ‘visões’, as quais beneficiam sobretudo os monges, uma vez que o mosteiro era considerado um lugar intermediário entre a Terra e o Além, entre a Terra e o Paraíso” (Le Goff, 2002, p. 27).

É importante ressaltar que as viagens durante a Idade Média deram a origem a uma série de testemunhos escritos, no qual o viajante relata os acontecimentos presenciados durante a viagem, e está diretamente ligado à Igreja, pois essa literatura tem como objetivo alcançar um lugar que muitas vezes estavam além do que os olhos humanos poderiam ver, como é o caso dessas narrativas, que apesar de se tratarem de deslocções imaginárias adquirem uma enorme importância, pois esses relatos menos verídicos começaram a apresentar-se como verossímeis.

Principalmente devido à falta de informações e à curiosidade que muitos indivíduos tinham sobre o que aconteceria após a morte e quais lugares seriam destinados às almas, as viagens imaginárias desempenharam um papel crucial. Elas contribuíram para responder muitas das perguntas feitas e satisfazer a curiosidade, integrando relatos considerados verídicos e associando-os à realidade daquele período. Essas narrativas ajudaram a preencher lacunas e fornecer uma compreensão mais abrangente sobre o destino das almas e o Além-Túmulo.

Além disso, as narrações sobre o Além-Mundo foram temas de grande importância utilizados pela Igreja para evangelizar, havia também uma tentativa de exercer um controle sobre indivíduos cristãos e não cristãos. De acordo com esses relatos, aqueles que não conduzissem suas vidas de acordo com os preceitos da Igreja estariam sujeitos a inúmeras penas no Inferno. Dessa forma, a partir das viagens imaginárias, podemos considerar que:

“Geralmente as viagens imaginárias apresentam com personagens que na companhia de um guia transmitem aos ouvintes desses relatos a descrição do Outro Mundo. Também vem acompanhadas de discursos que visam provocar uma mudança de comportamento como no caso das viagens ao além divulgada pela igreja” (Oliveira, 2012, p.32).

Dessa forma, pode-se afirmar que as narrativas *Visão de Túndalo* e *Visão de Thurkill* têm como objetivo principal descrever a topografia do Além, composta pelos três espaços:

Purgatório, Inferno e Paraíso, apresentando as particularidades de cada espaço visitado. Com o surgimento da literatura visionária e a crescente preocupação com a morte, surgiram inúmeros relatos de viagens imaginárias, entre os quais se destacam as fontes estudadas.

É possível identificar semelhanças entre os relatos das viagens medievais, uma vez que eles apresentam elementos semelhantes em sua construção. Muitos desses relatos acabaram se entrelaçando e inspirando uns aos outros, como é o caso das fontes analisadas: *Visão de Túndalo* e *Visão de Thurkill*. Ambas descrevem a topografia do Além, apresentando apenas algumas variações ao longo das narrativas.

Alguns relatos se destacaram e tiveram uma ampla circulação durante a Idade Média, tornando-se até mesmo a base para outras narrativas, o que permitiu que uma mesma obra tivesse diversas origens. A *Visão de Túndalo*, por exemplo, teve grande circulação no medievo e foi traduzida para várias línguas, incluindo o português, com duas versões portuguesas analisadas durante a pesquisa.

A *Visão de Thurkill* também apresenta elementos semelhantes aos encontrados em outros relatos de viagens medievais, mas possui suas próprias particularidades. Dessa forma, é possível observar que todas essas narrativas compartilham uma estrutura comum, uma vez que são diretamente influenciadas umas pelas outras. Embora apresentem elementos fantasiosos ao longo do relato, esses são considerados reais, pois são frutos das experiências vividas pelo viajante que registrou e transmitiu suas visões. Segundo Lopes:

Muitos foram os que, provenientes dos diversos quadrantes da sociedade medieval, deixaram testemunho escrito das suas experiências dos caminhos, dando origem a uma vasta literatura de viagens: guias de mercadores, guias e relatos de peregrinação, relações de missionários e embaixadores, relatos de exploradores e aventureiros, e, inclusive, narrativas de viagens imaginárias (Lopes, 2006, p.7).

Apesar de ambas as fontes descreverem os espaços do Além, foram identificadas diversas diferenças entre as duas narrativas. Primeiramente, isso se deve ao fato de serem narradas por personagens de classes sociais e padrões de vida totalmente distintos, além de terem origens em lugares e séculos diferentes. A *Visão de Túndalo* foi escrita em latim por um monge irlandês chamado Marcus no século XII, enquanto a *Visão de Thurkill* foi escrita em latim por Roger Wendover na Inglaterra no século XIII. Além dessas diferenças, também são observadas variações na topografia do Além, conforme ilustrado no quadro a seguir:

Quadro 1 - A Topografia do Além na *Visão de Tundalo* e *Visão de Thurkill*

VIAGEM IMAGINÁRIA	PURGATÓRIO	INFERNO	PARAÍSO
Visão de Túndalo	Existiam penalidades diferentes para cada pecado praticado em vida pela alma pecadora	espaço de completo e escuridão, com objetos cortantes para torturar as almas e a presença de demônios e de Lúcifer, que enquanto condenavam as almas sofriam inúmeros tormentos.	O paraíso estava dividido de forma hierarquizada de acordo com o merecimento das Almas, dividido entre muro de prata, muro de ouro e muro de pedras preciosas.
Visão de Thurkill	As penalidades eram iguais para todas as almas pecadoras, A única diferença era as dificuldades enfrentadas pelas almas durante todo o trajeto.	O inferno era representado em formas teatrais, onde as almas pecadoras encenavam seus pecados praticados ainda em vida enquanto eram torturados pelos demônios e por Lúcifer, além da presença de Arenas de torturas em que as almas eram revezadas durante o período de 8 dias.	O paraíso correspondia a santa Basílica, onde os espíritos completamente alvos eram admitidos, os santos possuíam moradia própria, havia a presença de Adão no último espaço visitado e das três santas castas: Santa Margarida, Santa Catarina, Santa Osita.

Fonte: Aatoria Própria, 2024.

As duas fontes estudadas apresentam personagens pertencentes a classes sociais completamente diferentes. Na *Visão de Túndalo*, o viajante é um cavaleiro de boa linhagem que vive uma vida de pecados e negligência a sua alma. Em contraste, na *Visão de Thurkill*, o personagem principal é um camponês de poucos recursos que leva uma vida regrada e é praticante da fé cristã. Dessa forma, essas visões têm o objetivo de demonstrar que, independentemente das classes sociais e do status na sociedade, as pessoas devem temer a Deus e seguir os mandamentos. A terra é vista como um lugar de preparação, e, após a passagem para o outro mundo, somente os eleitos serão agraciados com as glórias do Paraíso, independentemente dos bens adquiridos em vida.

Essas narrativas apresentam uma estrutura bastante semelhante. O primeiro ponto a ser ressaltado é a questão do itinerário, ou seja, os viajantes seguem um trajeto específico e, ao longo dele, narram os acontecimentos presenciados. No caso das fontes estudadas, o trajeto percorrido refere-se à topografia do Além, abrangendo o Purgatório, o Inferno e o Paraíso.

Outro ponto a ser ressaltado é a cronologia presente nas narrativas. Embora muitas vezes o tempo não seja levado em consideração devido aos fatores fictícios ao longo do relato, o aspecto mais importante é o espaço e não a duração. Na *Visão de Túndalo*, o cavaleiro

permanece nos espaços do Além durante três dias, enquanto, na *Visão de Thurkill*, o camponês permanece durante dois dias e duas noites. Apenas após esse período, a alma desses indivíduos retorna ao seu corpo.

Dessa forma, é importante ressaltar que o tempo durante o qual essas almas permanecem no pós-morte não influencia diretamente a narrativa, pois o foco principal não está na duração da estadia dos personagens, mas sim nos espaços que eles devem percorrer para se arrepender, purgar seus pecados e relatar tudo o que é visto no Purgatório, Inferno e Paraíso. Essas narrativas servem como uma espécie de manual de salvação, oferecendo aos leitores uma base para uma vida regrada conforme os mandamentos e evitando a corrupção pelo pecado. A seguir, são descritas as fontes das narrativas imaginárias, destacando suas particularidades e o contexto vivenciado por cada personagem.

1.5.1 Visão de Túndalo

A *Visão de Túndalo* trata de uma narrativa irlandesa, relato que foi escrito em latim pelo monge chamado Marcus e após a popularidade dessa narrativa e dos elementos presentes dentro da sua construção essa história foi traduzida para outras línguas entre elas está presente as duas versões portuguesas sendo elas códice 244, traduzido por Frei Zacarias de Payopelle, que se encontra na Biblioteca Nacional de Portugal e o códice 266, quando por Frei Hilário de Lourinhã, localizado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e apesar de apresentarem a mesma narrativa, possuem diferenças. Não se sabe exatamente o ano em que essas traduções foram feitas, porém de acordo com a linguagem elas foram escritas entre os séculos XIII e XV.

A tradução inicia-se apresentando o personagem principal, Túndalo, que é escolhido para conhecer as penas do Inferno e do Purgatório, bem como os bens e as glórias presentes no Paraíso. Túndalo ocupava um lugar de destaque na sociedade, sendo um cavaleiro de boa linhagem. No entanto, ele cuidava pouco de sua alma, deixando-se levar pelas tentações do mundo. Então este foi guiado por um anjo para se arrepender de seus pecados e maldades cometidas. É importante ressaltar que, no início do códice 244, não é especificado como Túndalo chegou a essa viagem ao Além-mundo; essa informação é mencionada apenas ao longo do relato.

No início da narrativa, são descritas algumas atitudes do cavaleiro Túndalo enquanto ele estava na Terra, que o levaram a ser escolhido para essa viagem ao Além. Essas atitudes incluem a falta de frequência à Igreja, a ausência de orações, a doação escassa de esmolas aos

pobres e o mau uso de seu dinheiro. Em virtude desses comportamentos, Deus fez com que Túndalo sofresse as penas e castigos pelos seus maus comportamentos, de modo a servir de exemplo para outras pessoas que ouvirem esses relatos.

Ambos os códices apresentam o trajeto percorrido por Túndalo nos espaços do Além, mas a escrita é completamente diferente entre eles. Além disso, há elementos destacados no códice 244 que não aparecem no códice 266. Por exemplo, na primeira parte do códice 244, são mencionados as horas e os dias da semana em que o cavaleiro Túndalo permanece nos espaços pós-morte. Também há uma desorganização nos espaços do Além e a ausência de informações sobre o local de origem do cavaleiro. Na descrição do Paraíso, o códice 244 menciona dois reis que não aparecem no códice 266. Além disso, o final do códice 266 inclui uma descrição adicional sobre os bens que são oferecidos às almas no Paraíso. É possível observar que o relato no códice 266 não segue uma linearidade clara, começando com o retorno da alma de Túndalo ao seu corpo e somente depois narrando o início da viagem imaginária e a descrição dos espaços visitados pelo cavaleiro.

É importante ressaltar que, no códice 244 da *Visão de Túndalo*, os espaços do Além são bem estabelecidos, ao contrário do códice 266, na qual não há uma clara divisão entre o Purgatório e o Inferno. Onde, os espaços infernais são descritos como uma única entidade com uma parte superior e uma parte inferior, onde ocorrem torturas mais intensas do que aquelas previamente descritas. No códice 266, o texto é mais resumido, resultando em uma descrição mais desorganizada dos espaços. Em contraste, o códice 244 apresenta os três espaços: Purgatório, Inferno e Paraíso de forma organizada e separada. No entanto, mesmo no códice 244, a identificação clara entre os espaços do Purgatório e do Inferno pode ser difícil, pois ambos são descritos como locais de sofrimento e tortura.

A viagem se inicia quando o cavaleiro passa mal e sofre uma morte temporária, que dura três dias. De acordo com o códice 244, ele experimenta essa morte temporária em uma quarta-feira, às 16 horas, e permanece em estado de morte aparente até às 6 horas do sábado. Conforme descrito na versão portuguesa, o trecho relevante é o seguinte:

Este cauleyro jouue morto per spaço de três dias e sua alma foy leuada a muytos logares. Como bem ouuiredes. E uiu as penas e os tormentos que os maaos padeciam. E depois logo ui os beens que os boons recebiam. Esto durou des quarta feyra hora décima ataa a ssabado hora prima em tal maneyra [...]

De início, a alma de Túndalo se desprende de seu corpo e é imediatamente cercada por uma multidão de demônios que se encontram nas ruas e praças, celebrando a chegada de mais uma alma destinada à tortura eterna no Inferno. Túndalo, tomado pelo medo ao reconhecer sua

condição de pecador, logo se depara com uma luz muito forte, que revela a presença de um anjo. Este anjo se estabelece como seu guia espiritual durante a viagem ao Além.

A mesquinha da alma ouuindo taaes cousas e veendo tan maa uison. era muito espantada. e non sabia que fizesse. E em quanto ella assy sia. uio uynr huun angeo assi como estrella muy clara que a saudou. e a confortou. E quando o ela assy uiu. começou de chorar com grande prazer que ouue. e dizendo. Ay meu senhor e meu padre. doores do inferno me cercaron. e fuy em gran temor (VT,1895, p.102).

É importante ressaltar algumas características apresentadas ao longo do relato. A alma do cavaleiro Túndalo é chamada de "mesquinha" pelos demônios, refletindo a sua condição de pecador. A representação do divino é personificada através do anjo, descrito como uma estrela clara que desce do céu. Este anjo conforta a alma, livrando-o dos demônios e conduzindo-o pelos espaços do Além. Durante a jornada, Túndalo passa por uma série de castigos para purgar seus pecados e observa as penas que as almas pecadoras enfrentam, tanto temporariamente quanto eternamente, bem como as glórias oferecidas às almas fiéis a Deus.

No decorrer do relato, são descritas características específicas dos espaços visitados pela alma. O primeiro espaço é apresentado como um lugar de trevas, muito espaçoso e profundo, onde as almas mesquinhas queimam e são torturadas. À medida que a alma de Túndalo percorre esses lugares, ela começa a temer e questionar o anjo sobre cada espaço visitado. Esses relatos são repassados pela Igreja como um guia, com o intuito de mostrar aos homens quais penas suas almas poderão enfrentar caso levem uma vida de pecado. Geralmente, essas penas estão associadas aos sete pecados capitais, ilustrando as consequências de uma vida desregrada e servindo como advertência para que os fiéis se corrijam e busquem a salvação.

Durante o itinerário, Túndalo testemunha várias punições que as almas devem enfrentar nos espaços do Purgatório e Inferno. A narrativa descreve detalhadamente não apenas as penas que a alma experimenta, mas também as ameaças e características dos demônios presentes nesses espaços. São relatadas as torturas impostas às almas pecadoras e os momentos em que a misericórdia de Deus alivia a alma do cavaleiro durante a jornada. A topografia do Além na narrativa é dividida em quatro espaços, conforme representado no quadro a seguir:

Quadro 2 - A divisão do Além na *Visão de Túndalo*.

ESPAÇOS VISITADOS	DESCRIÇÃO
Purgatório	Lugar destinado à purificação dos pecados veniais, este espaço é onde os pecadores, como ladrões, avarentos, glutões e fornicadores, sofrem diversas penalidades.

Inferno	Local reservado às almas pecadoras, que padecerão por toda a eternidade. Neste lugar, a presença de Lúcifer tortura os condenados enquanto também é torturado.
Pré- Paraíso	Local reservado às almas que ainda não podiam adentrar o paraíso e que sofriam penas mais leves.
Paraíso	Dividido entre muros de prata, ouro e pedras preciosas, de acordo com o merecimento de cada alma.

Fonte: Zierer, 2015, p. 15.

Logo após passar pelos três espaços do Além, Túndalo retorna ao seu corpo e tem a oportunidade de mudar de vida. Assim que acorda, ele faz o sinal para que lhe fosse dada a hóstia sagrada, para que pudesse comungar. Além disso, doa todos os seus pertences aos pobres e conta a todos sobre suas visões, tornando-se um exemplo de cristão. Deste modo, esta fonte passou a ser considerada um manual cristão, sendo utilizada pelos clérigos como meio de evangelização da sociedade.

1.5.2 VISÃO DE THURKILL

A *Visão de Thurkill* faz parte da literatura sobre viagens imaginárias, assim como a *Visão de Túndalo*. Não há dados precisos sobre a versão inicial desta fonte nem sobre a quantidade de cópias que circularam na Bretanha, conforme mencionado por Boone. A tradução portuguesa desta fonte foi realizada com base na versão em latim de Roger Wendover, que é considerado o primeiro cronista da Abadia de São Albano. A visão relatada por Wendover ocorreu no ano de 1206, no final da noite do dia 27 de outubro, e sua versão da visão está registrada na obra *Flores Historiarum*.

Assim como a fonte anteriormente analisada, a *Visão de Thurkill* também narra uma viagem ao Além, tendo como objetivo principal representar o imaginário europeu durante a Idade Média e a visão que se tinha sobre os lugares aos quais as almas seriam destinadas após a morte. Desta forma, é importante ressaltar as características e as simbologias apresentadas em cada local visitado.

É importante ressaltar que, apesar de as duas narrativas, *Visão de Túndalo* e *Visão de Thurkill*, apresentarem personagens com itinerários semelhantes e terem objetivos em comum, ou seja, descrever a topografia do Além por meio dos espaços do Purgatório, Inferno e Paraíso,

e servir como uma espécie de manual pedagógico cristão utilizado pela Igreja para evangelizar os fiéis, existem diversos elementos dentro desses espaços que precisam ser analisados e comparados entre ambas as narrativas. No relato, a topografia do Além está dividida conforme o quadro a seguir.

Quadro 3 - O espaço do Além na *Visão de Thurkill*

ESPAÇO VISITADO	LOCALIZAÇÃO	DESCRIÇÃO
Purgatório	Oeste da Basílica	Caminho de purificação dos pecados veniais que levava ao monte da Alegria
Inferno	Norte da Basílica	Casa Velha e paredes escuras, local destinadas as encenações dos demônios
Paraíso	Lado ocidental	Local direcionado aos eleitos, que eram tomados por grande alegria, este se encontrava no monte da alegria

Fonte: Autoria Própria, 2024.

A *Visão de Thurkill* narra a história de um camponês de vida e hábitos simples, com poucos recursos, residente em uma pequena cidade chamada Tunsted, no bispado de Londres. Este homem, praticante da fé cristã, é descrito como hospitaleiro e humilde, e é privilegiado com a visão do Além. A anúncio da viagem é feita por São Juliano, um santo hospitaleiro enviado por São Tiago, o santo de devoção do camponês. São Juliano guia Thurkill pelos três espaços do pós-morte Purgatório, Inferno e Paraíso enquanto o corpo do camponês permanece adormecido durante dois dias e duas noites. Isso é registrado no seguinte trecho:

Eu também irei a tua casa esta noite, mas para leva-lo ao teu senhor, ou seja, São Tiago, a quem tu agora mesmo oraste com tanta devoção. Pois eu sou Juliano, o hospitaleiro, e fui enviado em teu favor, para te revelar, por meios divinos, certas coisas ocultas aos homens carnaís; portanto, retorna a tua casa e prepara-te para uma viagem (Wotckoski, 2013, p. 139).

Dentro dessa narrativa, há uma forte presença de santos e, principalmente, de profetas de Jesus, que atuam como guias de Thurkill em sua viagem ao Além. Estes são mártires que dedicaram suas vidas ao evangelho e foram responsáveis por anunciar a palavra de Deus com o intuito de evangelizar os cristãos. Além disso, é destacado que a viagem se inicia especificamente na véspera do dia de comemoração dos apóstolos São Simão e São Judas.

A presença dos santos na narrativa tem como objetivo destacar o exemplo de vida a ser seguido, sublinhando a importância de levar uma vida de santidade e de propagar as palavras da Santa Escritura. Além disso, durante a descrição da topografia do Além, a presença desses santos é recorrente, fazendo referência à canonização. Isso sugere que pessoas comuns podem alcançar a graça divina se seguirem os ensinamentos de Deus e viverem de acordo com virtudes cristãs.

A prova pelo milagre definia em primeiro lugar os seres extraordinários, os santos. A crença popular e a doutrina da Igreja confluíam neste ponto. A partir do século 12, quando o papado começou a reservar para si a canonização dos santos, até lá em geral designados mais pela vox populi; situou os milagres entre as condições obrigatórias a serem cumpridas pelos candidatos à canonização (Le Goff, 2016 p.329).

O primeiro santo a aparecer na narrativa é São Juliano, conhecido como o Santo Hospitaleiro. Ele foi responsável por acolher e hospedar cristãos perseguidos pelo imperador Diocleciano e, por não renunciar a Cristo, foi morto e decapitado. Sua presença na visão imaginária é altamente significativa, pois ele desempenha a função crucial de guiar o camponês pelos espaços do além. São Juliano serve como um exemplo para os cristãos, incentivando-os a dar testemunho de sua fé sem medo do martírio, assim como Thurkill faz ao final do relato.

O segundo santo mencionado na narrativa é São Tiago, o santo de devoção de Thurkill. São Tiago é um mártire de grande importância na Igreja Católica, sendo um dos amigos mais próximos de Jesus. Ele testemunhou muitos milagres e desempenhou um papel fundamental na propagação do evangelho. A inclusão de São Tiago na narrativa destaca a importância da devoção aos santos, que é uma prática individual de cada cristão. Segundo Sáez:

A relação com o santo, embora hierárquica, está marcada por uma semcerimônia. Ela não é irrevogável: pode haver rupturas desse contrato tácito ou expresso (o santo não foi capaz de conceder uma graça solicitada), ou um cancelamento sem outras consequências (o devoto obteve a graça e pagou a promessa), ou um simples esmorecimento: a relação se dissolve aos poucos ou é substituída por outra. Não é, tampouco, exclusiva: o culto aos santos existe sobretudo no plural, e com frequência se ordena por critérios de 23 especialização – cada santo respondendo por um tipo de necessidades ou aflições (Sáez ,2009 p.205).

Desse modo, por ter levado uma vida regrada e devotada à Igreja, o camponês foi escolhido entre muitos para desempenhar um papel fundamental na narrativa. Sua missão era relatar tudo o que visse e ouvisse nos espaços do Além, com o objetivo de anunciar e evangelizar aos demais. Durante a narrativa, é evidente que o camponês encarna as qualidades de um bom cristão: mantém uma rotina regular de orações, está profundamente ligado à Igreja,

possui um santo de devoção e prática a continência ao prazer carnal, evidenciada pelo fato de ter sua cama separada da esposa.

Ao iniciar a viagem imaginária, o camponês permanece adormecido, e seu espírito se desprende do corpo, que é mantido em um estado de aparente vida por um sopro vital. Uma vez que sua alma está livre, ela é conduzida a uma basílica conhecida como a “congregação dos espíritos”, através da intercessão da Virgem Maria. Esta basílica é descrita como magnífica, grande e espaçosa, e tem a função de abrigar os espíritos recém-falecidos antes de serem encaminhados aos locais designados por Deus, de acordo com o merecimento de cada um. Lá, os espíritos recebem um julgamento baseado nas suas obras terrenas.

Nesse primeiro espaço, encontramos a presença de mais um santo, São Domingos, que atua como guardião da basílica. A referência a São Domingos é notável, pois, em vida, a Virgem Maria apareceu a ele para encomendar a difusão da devoção e oração do Santo Rosário, ajudando na conversão de hereges e na salvação dos fiéis. No Além, São Domingos mantém uma função similar, protegendo as almas dos ataques de demônios, garantindo que sejam adequadamente julgadas.

Ao chegar nesse espaço, ocorre o primeiro contato entre a alma de Thurkill e São Tiago, que usa uma mitra de sacerdote naquela basílica. São Tiago então instrui São Domingos e São Juliano a guiarem o peregrino, mostrando-lhe os locais reservados aos castigos dos maus e as mansões dos justos. No centro deste primeiro espaço, havia um grande batistério com uma imensa chama, simbolizando o dízimo dos justos.

Havia uma grande diferença entre os espíritos que se encontravam naquela basílica: os justos eram descritos como completamente alvos, com faces rejuvenescidas, enquanto outros espíritos apresentavam uma mistura de branco e preto. A cor branca simbolizava as boas ações dessas almas, e a cor preta representava a escuridão do pecado. Assim, algumas almas predominavam o branco, outras o preto.

No relato, também é destacado que, em determinado momento da viagem, Thurkill encontrou espíritos recém-chegados na basílica que, inicialmente, eram descritos como alvos. Esses espíritos ficavam ainda mais alvos quando eram aspergidos com água benta por São Tiago e São Domingos. A água benta tem um papel crucial nessa parte da narrativa, representando a bênção e a purificação das almas, servindo para repelir o mal.

Após retornar ao seu corpo, o camponês assiste à missa na Igreja, mas hesita em contar a visão que recebeu de Deus. No entanto, São Juliano aparece em seu sonho e o instrui a não esconder nada do que foi visto e presenciado. Assim, no dia de todos os Santos, Thurkill revela sua visão em inglês, o que impacta profundamente os ouvintes e leva muitos a mudar suas vidas.

É importante notar que há um certo preconceito por parte dos ouvintes em relação à classe social de Thurkill, demonstrando que o amor de Deus transcende qualquer título social ou status.

2. “QUEIMARÁS NO FOGO DO INFERNO”: OS ESPAÇOS INFERNALIS E SUAS PUNIÇÕES NAS OBRAS *VISÃO DE TUNDALO* E *VISÃO DE THURKILL*

A topografia do Além possui grande importância dentro das narrativas imaginárias. Esta é composta por três espaços, sendo eles: Inferno, Purgatório e Paraíso. Ambos possuem estruturas bem definidas no decorrer do relato, apresentando características próprias, além de possuírem objetos e enredos que são fundamentais para caracterizar cada espaço visitado pelos viajantes. Deste modo, é importante analisar os enfoques que o narrador transmite no decorrer do relato para compreender a função de cada espaço como meio de evangelização e disseminação do pós-morte.

Pode-se afirmar que esses relatos passaram a ter grande circulação durante a Idade Média, principalmente devido à mudança de mentalidade que ocorreu em uma sociedade que enfrentava sérios problemas políticos, sociais e econômicos. Esses problemas foram catastróficos para a população medieval, gerando um grande número de mortes. Desse modo, a morte, que era vista como algo natural e esperada pelos medievais, começou a ser abordada com uma preparação do corpo, principalmente através do sacramento da unção dos enfermos. Esse rito cristão consistia em ungir os enfermos com óleo sagrado, tendo como objetivo confortar o doente e perdoar seus pecados.

A partir do século XIV, a concepção sobre a morte passou a ser alterada, tornando-se uma preocupação para os indivíduos, com a salvação sendo compreendida como uma viagem. Para os religiosos, o advento da Peste Bubônica foi entendido como resultado da fúria divina e dos pecados cometidos pela sociedade. Assim, tornou-se necessário preparar o corpo adequadamente antes de sua passagem para o Além, a fim de evitar punições na eternidade. Durante esse período de preparação da alma, os ritos fúnebres, realizados através de práticas e orações tanto pelo doente quanto pela família, ajudavam nesse momento de transição, conhecido como a arte do bem morrer.

Ao contrário da concepção atual da morte, que ocorre de forma individual e solitária, no espaço do hospital, naquele período, o falecimento era uma cerimônia pública, momento quando o doente é acompanhado por seus amigos, parentes e vizinhos que devem ajudá-lo no momento do trespasse, consolando-o e ajudando-o na hora da morte, confissão, extrema-unção, confecção do testamento, orações (Nascimento; Tavares, 2022, p. 47).

Durante esse período, surgiram outras manifestações culturais, como a dança macabra, que trata-se da representação personificada da Morte guiando uma fila de pessoas de todas as

classes sociais em uma dança que as conduz aos seus próprios túmulos. Ao final, "a Morte convoca todos que ainda não foram nomeados para participar da dança final e, na condição de julgadora, dá a palavra derradeira sobre aqueles que merecem a glória e aqueles que sofrerão a condenação" (Gimenez, 2011, p. 50).

Dessa forma, todos os espaços do pós-morte ganham destaque dentro da topografia do Além. No entanto, entre eles, os espaços que recebem mais ênfase nessas narrativas são o Inferno e o Purgatório, pois são lugares de sofrimentos temporários ou eternos, onde as almas passam por uma série de tormentos. Esses espaços infernais expressam uma espécie de aprendizado para os cristãos, visto que, ao passarem por esses castigos, as almas reconhecem os pecados cometidos em vida e transmitem aos demais os atos que devem ser evitados, bem como as práticas religiosas que devem ser executadas para evitar a condenação eterna.

Essas narrativas, utilizadas pelos clérigos, tinham como principal função incutir medo nos medievais, para que estes mudassem sua conduta e passassem a viver de acordo com os preceitos do cristianismo. Assim, o medo de ser castigado por toda a eternidade tornou-se muito maior do que o anseio de alcançar o Paraíso. Isso é perceptível nos enfoques dados aos locais infernais dentro dos manuscritos, que utilizam palavras e descrições aterrorizantes para quem os ouvisse, apontando uma série de penas aplicadas às almas pecadoras. As descrições do Inferno incluem a presença de demônios, tormentos, fogo, objetos cortantes, trevas e açoites.

A igreja católica para incitar os fiéis a trabalhar por sua salvação, apresenta-lhes mais o medo do inferno do que o desejo do Paraíso. Diante da morte, eles temiam menos a própria morte do que o inferno assim se instala, apesar de algumas nuances, um cristianismo do Medo. essas práticas mostram como a igreja medieval utiliza o Além para assentar sua dominação sobre os cristãos e justificar a ordem do mundo pela qual ela vela. (Le Goff, 2002, p 30)

As narrativas do presente estudo a *Visão de Túndalo* e a *Visão de Thurkill*, ambas descrevem os espaços de infernais como locais de punições e torturas, sendo eles totalmente opostos aos espaços do Paraíso. Em suas estruturas são apresentados uma série de penalidade que correspondem aos sete pecados capitais, onde cada pecado correspondia a uma pena diferente. Em ambos os relatos também aparece a presença de Lúcifer, que são descritas de forma diferente nos dois relatos, na *Visão de Túndalo*, este aparece com características animais causando dor nas almas pecadoras enquanto também é torturado, e já no segundo relato este aparece no julgamento das almas e como apresentador das encenações teatrais feitas pelos demônios. Segundo Le Goff (2007, p.93) a função dos demônios na terra era seduzir os

homens induzindo-os ao pecado, deste modo, o medo do diabo dos demônios era grande, mas o medo do inferno era ainda maior.

Na *visão de Túndalo*, no código 244 os espaços infernais estavam divididos entre Inferno e Purgatório. Contudo, e já no código 266, esses espaços não estavam bem estabelecidos, sendo representados apenas como Inferno Superior e Inferior. O Inferno Superior correspondia ao espaço de torturas temporárias, equivalente ao Purgatório, enquanto o Inferno Inferior era onde as almas eram condenadas eternamente. Já na *Visão de Thurkill*, todos os espíritos devem passar pelas mesmas provações; a diferença é que alguns conseguem atravessar tranquilamente, enquanto outros sofrem muito e levam anos para completar o trajeto pelo Purgatório. No entanto, o Inferno funciona como uma espécie de teatro, onde as almas são torturadas por meio de encenações dentro das arenas.

2.1. AS PUNIÇÕES DAS ALMAS PECADORAS NA VISÃO DE TÚNDALO

Os espaços infernais presentes na *visão de Túndalo* apresentam, em sua estrutura, elementos que possuem uma forte relação com os órgãos dos sentidos, onde as almas pecadoras são punidas de acordo com o olfato, audição, visão, tato e paladar. Esses espaços são perceptíveis pelo olfato, devido à presença de odores intensos; pela audição, com os gritos e gemidos das almas torturadas; e pela visão, através da falta de luminosidade, descrita como um lugar de trevas e escuridão. Como pode observar no quadro a seguir:

Quadro 4 - As punições correspondentes aos Sete Pecados Capitais.

ÓRGÃOS DE SENTIDO	PUNIÇÕES NOS ESPAÇOS INFERNAIS
Visão	Escuridão, trevas, demônios e bestas.
Olfato	Mal dor, fedor de carnes apodrecidas, fumaças fétidas.
Paladar	Ausencia de Alimentos
Audição	Gritos e gemidos das almas pecadoras
Tato	Objetos de Torturas e punições

Fonte: Zierer, 2002, p. 168.

Embora esses espaços estejam bem estabelecidos na versão portuguesa, definidos como Purgatório e Inferno, ao longo da narrativa eles acabam tornando-se confusos. A distinção entre eles só pode ser feita pela descrição do narrador sobre um local inferior com penas mais severas, referindo-se, assim, ao Inferno. Dessa forma, é possível analisar, através da narrativa, que Túndalo é tentado por demônios desde o momento em que sua alma se desprende do corpo.

Na história, uma série de demônios aparece em todos os lugares, desde ruas e praças, cercando-o em comemoração por terem conquistado mais uma alma, tentando conduzi-lo à condenação eterna. No entanto, ele é impedido por um anjo, que o livra daqueles demônios e tem a função de guiá-lo durante todo o trajeto da viagem imaginária ao Além-túmulo. Os locais infernais são os primeiros a serem visitados por Túndalo, descritos como caminhos escuros, tendo como fonte de luz apenas o lume do anjo.

O primeiro espaço visitado pela alma do cavaleiro é purgatório, que se trata do local intermediário dentro da topografia do Além, por ser um lugar de sofrimento temporário, para expiação dos seus pecados. Este é descrito como um espaço de tortura e de penitência onde, as almas são torturadas por um certo período de tempo, este espaço pertence as almas que cometeram o chamados pecados veniais, que são considerados pecados de natureza leve, desta forma esses espíritos poderão alcançar o perdão dos seus pecados obtendo a chance de adentrar ao Paraíso, além disso, há dentro desse espaço há a presença de alguns elementos que se confundem com o Inferno, como as torturas e a ausência de luz no decorrer do itinerário.

Essa ênfase da escuridão, no itinerário do Lugar infernal, tem o intuito de mostrar o quanto esse ambiente é desprovido de luminosidade, reinando apenas a escuridão, o que reforça os detalhes precisos dos males que aguardam as almas que não praticaram as ações terrenas conforme os ensinamentos de Deus evocados pelos eclesiásticos (Oliveira, 2019, p.160).

Neste espaço, a alma do cavaleiro observa uma série de torturas sofridas pelas almas que se encontram naquele local, há uma série de obstáculos que devem ser enfrentados, para que essas almas pudessem serem perdoadas por suas faltas, inclusive a alma do cavaleiro é obrigada a passar por várias penas, no intuito de se arrepender pelos seus pecados e não cometer novamente quando retornar ao seu corpo se tornando um exemplo de um bom cristão.

No decorrer da narrativa, são descritas várias penas presenciadas e vivenciadas pelo cavaleiro Túndalo. Essas penas variam de acordo com o pecado praticado e estão relacionadas aos sete pecados capitais, que são: avareza, referente às pessoas gananciosas; gula, referente ao desejo excessivo por comida ou bebida; inveja, referente à cobiça; ira, referente à raiva incontrolável; luxúria, referente à busca incessante por prazeres carnis; soberba, referente ao

orgulho excessivo e à arrogância; e preguiça, referente à falta de vontade ou esforço para realizar tarefas. Cada pecado é acompanhado por uma pena específica, conforme sua natureza. Estas transgressões que possuem relação com os sete pecados capitais, possuem dentro das narrativas punições bem definidas, totalizando sete, como pode-se analisar no quadro a seguir:

Quadro 5 - Penalidades por meio dos órgãos de sentido.

PECADORES	PECADO CAPITAL	PENALIDADE
Assassinos	Ira	Esses pecadores eram torturados em um vale profundo com carvões.
Traidores	Vaidade	As almas eram torturadas no fogo de enxofre, mergulhadas no rio gelado e, em seguida, são lançadas de volta ao fogo.
Orgulhosos	Inveja	Estes eram mergulhados no Lago Fétido, ao cair de uma ponte estreita, pela qual só passavam os eleitos.
Ávaros	Avareza	Eram comidos e atormentados pela besta Aqueronte; depois, eram lançados ao fogo e ao rio de enxofre.
Ladrões	Preguiça e Inveja	Os pecadores deveriam atravessar uma ponte estreita com pregos afiados, carregando o objeto que haviam furtado. Caso caíssem da ponte, eram devorados por enormes bestas.
Glutões e Fornicadores	Gula e Luxúria	Eram jogados em um enorme forno que queimava incessantemente e eram torturados por meio de diversos instrumentos.
Luxuosos	Luxúria	Eram torturados por uma besta que devorava as almas pecadoras e as vomitava. Estas almas, ao serem vomitadas, geravam monstros por todas as partes do corpo, que as mordiam e torturavam.

Fonte: Zierer, 2015, p. 20.

As penas do Purgatório não são eternas. Contudo, corresponde a um local temporal pertencente às almas que em vida não conseguiram se livrar de seus pecados, passando assim por diversas provações. “Estas provações, como veremos, podem ser múltiplas e se assemelham àquelas que os danados sofrem no Inferno. Mas duas delas são mais frequentes, o ardente e o gelado” (Le Goff, 1993, p. 18). Então esse lugar intermediário tem a função de levar as almas que possuíam pecados medianos a sofrimento estabelecido de acordo com as faltas praticadas em vida, porém é um sofrimento temporário, e se trata de um local de espera, para purgar suas transgressões e alcançar as glórias divinas.

No decorrer do itinerário, Túndalo testemunha várias punições que as almas deveriam passar nos espaços do Purgatório e Inferno, descrevendo principalmente as ameaças e as características dos demônios presentes nesse espaço, não apresentando somente as penas que a alma teve que passar, mas também relatos das torturas que eram impostas às almas pecadoras, e os livramentos feitos pela misericórdia de Deus com a alma do cavaleiro durante o trajeto.

A primeira pena presenciada pela alma do cavaleiro é destinada aos assassinos e aos envolvidos com este pecado capital. Durante essa primeira pena, o espaço é descrito como um vale tenebroso e alto, que causava muito espanto. Esse vale possuía uma grossa cobertura de ferro e, “ali, jaziam almas sobre o carvão que ardia até a cor de brasa viva. O intenso fogo exalava um fedor insuportável, e as almas eram derretidas e depois coadas, como se coa cera, caindo sobre brasas vivas” (VT, 266, p. 40).

Deste modo, conforme o códice 244, a segunda punição observada pela alma era destinada aos traidores. Acompanhada por seu guia espiritual, a alma dirigia-se a um monte descrito como extremamente alto, de grande tormento e medo, dividido em dois lados: um lado exalava um fedor insuportável, enquanto o outro era caracterizado por um frio intenso, com neve branca e muito vento. Este monte estava repleto de demônios, que aguardavam as almas para torturá-las. Estes demônios empunhavam gadanhos de ferro muito agudos e outros instrumentos. Eles utilizavam um dispositivo de ferro para capturar as almas, submetiam-nas ao fogo e, em seguida, a água e à neve (VT, 244, p. 103).

Durante o percurso, é descrito que o anjo e a alma do cavaleiro começaram a caminhar por um vale muito profundo e escuro, do qual a alma não conseguia ver nada, mas podia ouvir o som de um rio correndo e perceber um fedor de carne apodrecida. Também escutava os gritos e gemidos das almas que pareciam estar em grande tormento. Este espaço correspondia a outra pena observada nos espaços infernais. Assim, é possível notar os enfoques aplicados nesses ambientes infernais para a punição, utilizando os órgãos dos sentidos.

A terceira pena presenciada refere-se aos orgulhosos. Essas almas pecadoras devem atravessar uma ponte com cinco mil pés de comprimento e um pé de largura, na qual enfrentam grandes dificuldades devido à estreiteza da estrutura (VT, 266.p 40). As almas que não conseguem atravessar acabam caindo em um vale profundo, enquanto apenas os eleitos conseguem completar a travessia. Nesse primeiro momento, o anjo livra a alma desta pena, permitindo que ela passe apenas por outras. A função do anjo em isentar a alma de determinadas penas é demonstrar que a bondade de Deus prevalece acima de tudo e que ele exerceu misericórdia para com essa alma.

A próxima pena presenciada acaba por se tornar um pouco confusa quanto ao pecado a que está direcionada. No entanto, é possível analisar que se refere aos avaros, ou seja, às almas pecadoras gananciosas. Nesta punição, os demônios pegam a alma e a lançam na boca de uma enorme e horrenda besta. Dentro da besta, as almas passam por vários tormentos, entre os quais se incluem fedor, frio, calor e outros males "que nenhum homem pode descrever". Apesar de a alma ter se livrado das penas anteriores, não escapa desta; é o primeiro tormento que sofre durante o Purgatório. Neste momento, o anjo se afasta e os demônios se aproximam da alma como cães raivosos, forçando-a a passar pelo ventre da besta. Em seguida, a alma reencontra o anjo e retoma a jornada.

A quinta pena presenciada pela alma neste espaço é destinada aos ladrões. Trata-se de atravessar uma ponte estreita repleta de pregos, carregando aquilo que foi roubado. As almas que transitam por essa ponte sofrem grandes tormentos, sendo perfuradas pelos pregos durante todo o percurso. Túndalo também padece desse tormento. Ao mostrar ao anjo os pés calejados, é repreendido, sendo lembrado de quão fortes eram quando o cavaleiro andava pelos caminhos da vaidade. O lago sob a ponte estava cheio de bestas terríveis que cuspiam fogo. O cavaleiro presenciou outra alma passando pela ponte com um feixe de trigo, e o anjo a obriga a também passar por ali, levando a vaca brava que havia roubado em sua vida. Apesar de tê-la devolvido, a alma ainda deve passar pela penitência, embora não sofra tanto quanto as outras. Contida no seguinte trecho:

Os que furtaron muito merecem mayores penas e mais e os que furtaron pouco non padezem tanto. E tu merecias de entrar en elas mais pola merece de deus livre es delas. Mais coven que ora passes per ella sen my e passa ras contego huma vaca brava que tu furtaste a hunn teu compadre (VT,1895, p.105).

Ainda nos espaços infernais, o próximo local visitado é uma espécie de forno gigante, onde as almas são submetidas a torturas por meio de diversos instrumentos utilizados pelos demônios. Essas almas são queimadas após terem sido despedaçadas e esfoladas por diabos que

estão à entrada desse forno. Esta tortura é destinada a dois pecados capitais, direcionada especificamente aos gulosos e fornicadores. Apesar de clamar por livramento, a alma também sofre essa pena. Assim, é possível observar que o anjo atua como um mentor do cavaleiro, impondo uma série de provações com o propósito de promover uma mudança de comportamento, levando-o a se arrepender de suas transgressões e a adotar uma conduta adequada.

Seguindo o trajeto, a alma encontra uma besta distinta das anteriores. Ela estava sobre um lago coberto de geada e devorava as almas que passam pela quentura de seu ventre, para depois cuspi-las no lago gelado. Essas almas emergiram do ventre já grávidas, sejam homens ou mulheres, e davam à luz por várias partes do corpo, como pernas, braços e peitos, acompanhadas de grandes gritos de dor. As criaturas que pariam eram serpentes e bestas com dentes de ferro, que mordiam e atormentavam as almas. Esta pena era destinada aos luxuriosos. A alma de Túndalo também deveria passar por essa pena, mas não completa o tormento, pois é poupada pelo anjo (244, p. 43).

Após presenciar e passar por essas penas, a alma e o anjo continuam a jornada, agora em direção a locais de mais difícil acesso, aproximando-se do Inferno. Durante o percurso, ouvem muitos lamentos das almas que sofrem as penas. Neste espaço, também estão presentes os demônios, que, utilizando instrumentos de ferro, derretem as almas e as transformam em uma massa. Essa massa é manipulada de forma semelhante ao chumbo, sendo atirada de um lado para o outro, lançada no fogo e retirada com ferramentas de ferreiro. Esta pena é destinada "àqueles que tiveram doces deleites no mundo" (266, p. 51-59) e é a penúltima observada antes da entrada no Inferno propriamente dito, onde se encontra Lúcifer, o próximo espaço da topografia do Além a ser visitado. O anjo alerta que todas as almas vistas até aquele momento esperam pela salvação (266, p.44), ao passo que as que estão no inferno estão condenadas a permanecer ali para sempre, pois "pecaram mortalmente" (266, p. 44).

Após sofrer essas penas, a narrativa descreve que a alma do cavaleiro Túndalo começou a percorrer locais ainda mais sombrios e horrendos do que os anteriormente visitados. Eles desceram por um caminho estreito que conduzia a um abismo profundo, onde a escuridão aumentava conforme desciam, sendo iluminados apenas pela luz do anjo que os acompanhava. Neste lugar, eram ouvidos gritos e gemidos das almas que eram torturadas pelos demônios. Inicialmente, o espaço não é identificado, mas é possível reconhecer que se trata do Inferno devido às suas características, que incluem torturas mais intensas e a presença de Lúcifer. Que é descrito da seguinte forma:

Ele era tão negro como o carvão e tinha figura de homem dos pés até a cabeça, e tinha uma boca em que havia muitos males, e tinha um rabo tão grande que era coisa espantosa. Nesse rabo havia mil mãos e em cada mão tinha a largura de cem palmos e as mãos e as unhas delas e as unhas dos pés eram tão largas como lanças, e todo aquele rabo era tão cheio de agulhas muito agudas para atormentar as almas. E aquele Lúcifer jazia escondido sobre um leito de ferro, feito da mesma maneira que as grelhas e sobre aquele leito jaziam carvões acesos e sopravam-nos e acendiam-nos muito demônios e cercavam-nos de muitas almas, tantas que não há homem vivo em carne que as pudesse contar, nem cuidar, nem crer, que tais e tantas pessoas foram criadas no mundo depois que foi formado (VT, 244, p.110).

É importante ressaltar que este espaço da topografia do Além, correspondente ao Inferno, é um local de sofrimento eterno, distinguindo-se significativamente do espaço anterior. Enquanto o primeiro espaço está destinado aos pecados veniais, que podem ser perdoados por meio da expiação, o segundo espaço refere-se aos pecados mortais, de categoria mais elevada, que não merecem o perdão de Deus. Assim, as almas que se encontram neste Inferno perecerão eternamente.

É relatado que, durante essa visão, o anjo e a alma tornam-se imperceptíveis aos olhos dos demônios e de Lúcifer, permitindo-lhes observar apenas as torturas que ocorrem no Inferno. Esta revelação representa a misericórdia de Deus ao mostrar esses espaços infernais, com o objetivo de que as pessoas compreendam o destino das almas pecadoras após a morte, incentivando-as ao arrependimento e à adoção de uma vida virtuosa. A alma experimenta grande temor ao encontrar amigos e conhecidos sofrendo eternamente, reconhecendo que, sem a misericórdia divina, ela também estaria condenada a esse tormento eterno. Assim, é crucial notar as características detalhadas desses espaços infernais e sua forte conexão com os elementos sensoriais, visando amedrontar os leitores e ouvintes do relato. Ao final, pode-se perceber uma clara diferença entre este local e o próximo espaço na topografia do Além, que é o Paraíso. O anjo então direciona a alma para visitar a morada dos justos. “E entom o angeoco alegria disse-lhe: Ven-te / bem aventurada que ata aqui viste as penas dos maaos e dês aquyveerás a gloria dos bóós. Aqui falla da gloria do Parayso” (266, p.46).

2.2 AS ARENAS DE TORTURAS E OS JOGOS TEATRAIS DOS DEMÔNIOS NA VISÃO DE THURKIIL

No início da viagem pela topografia do Além, Thurkill, que, apesar de ser um camponês que segue os preceitos da Igreja, sendo hospitaleiro e piedoso, enfrenta uma provação relacionada ao dízimo de suas colheitas. A pena consiste na inalação de uma fumaça fedida que

emana das cavernas devido aos dízimos desonestos, um castigo que também está associado aos órgãos dos sentidos, semelhante à fonte analisada anteriormente. O santo repreende a má conduta do camponês no seguinte trecho: “Parece que não tens dado corretamente o dízimo sobre tua lavoura e, por isso, inalaste este fedor” (Wotckoski, 2013, p. 140).

Após o camponês passar por essa provação, seu guia espiritual o repreende e o aconselha a doar o dízimo de forma honesta para que sua colheita fosse melhor. Além disso, orienta Thurkill a confessar seu pecado abertamente à Igreja para que seja perdoado e receba a absolvição do padre. Dessa forma, é possível analisar que essa narrativa posiciona a Igreja como mediadora entre a Terra e o plano espiritual, desempenhando um papel crucial ao guiar os indivíduos pelos caminhos corretos e perdoar os cristãos em nome de Cristo. Adicionalmente, esse relato incentiva os fiéis a buscarem o perdão de Deus por meio da confissão e serve como um exemplo para que os cristãos paguem o dízimo de forma honesta.

Todo o trajeto descrito dentro da topografia do Além, na *Visão de Thurkill*, era realizado por etapas. Primeiramente, os espíritos recém-chegados à Basílica eram distinguidos por cores que correspondiam à intensidade dos pecados praticados em vida. Dessa maneira, havia os espíritos manchados de branco, que eram direcionados por São Miguel Arcanjo sem dificuldades no trajeto, tendo acesso livre à Igreja construída no Monte da Alegria. Os espíritos manchados de branco e preto eram conduzidos por São Pedro às chamas do Purgatório para que expiassem seus pecados e fossem purificados. Finalmente, havia os espíritos totalmente manchados de preto, que passavam por um julgamento realizado entre São Paulo e o Diabo.

Deste modo, antes dos espíritos mesclados passarem pelas penas do Purgatório, era feita a alocação dos espíritos completamente alvos nos locais destinados por Deus. Que se iniciava no raiar do sábado, por São Miguel, que é o arcanjo da justiça e do arrependimento, juntamente com os apóstolos Pedro e Paulo. Cada santo possuía grande importância no relato, sendo convocados por Deus com a função de guiar essas almas nesse espaço, descrito no relato da seguinte forma:

São Miguel Arcanjo concedeu passagem segura aos espíritos alvos através das chamas do purgatório, lago e ponte até a entrada da grande basílica edificada no Monte da Alegria, cuja porta ocidental se encontrava aberta. Os espíritos mesclados com cores branca e preta, que estavam a norte do salão, foram conduzidos por São Pedro, através da porta oriental, sem nenhuma discussão a respeito de suas obras, até o fogo do purgatório para que fossem purificados de seus pecados pela impetuosa chama (Wotckoski, 2013, p.141).

Esses espíritos, mesclados de preto e branco, eram direcionados ao Purgatório e deveriam passar por diversas etapas até serem considerados puros. Após passarem pelo fogo do

Purgatório, desciam até um lago salgado e gelado, depois precisavam atravessar uma ponte de estacas e pregos. Só após isso poderiam adentrar o Monte da Alegria. É importante ressaltar que esse trajeto não era igual para todas as almas que o percorriam. Dependendo do pecado praticado, o indivíduo teria um percurso mais doloroso ou mais tranquilo. Deste modo, uns sofriam mais que outros, levando dias ou anos para completar o percurso. “Alguns ficavam imersos até a cabeça, outros até o pescoço; havia também os que ficavam imersos até o peito ou braços, ou até o umbigo, ou até os joelhos, e aqueles que mal molhavam as pontas dos pés” (Wotckoski, 2013, p. 140).

Deste modo, para que esses espíritos fossem perdoados de suas faltas, deveriam passar por diversas dificuldades durante o trajeto. É importante ressaltar que o relato descreve como as atitudes de bom cristão impactam diretamente nesse percurso. Aqueles indivíduos que tivessem uma vida regrada e direcionada às obras de caridade, ou que contassem com a intercessão da família, enfrentariam um percurso mais tranquilo até o Monte da Alegria. Pode-se perceber a influência que as pessoas vivas tinham no processo de salvação do espírito que se encontrava no Purgatório. Esse fato pode ser analisado no seguinte verso:

Depois do lago, restava a travessia da ponte, que ficava do lado ocidental da basílica. Alguns atravessavam essa ponte fastidiosa e lentamente, outros mais fácil e rapidamente; havia também os que a passavam confortável e velozmente, sem impedimento ou dificuldade alguma. Alguns atravessavam o lago tão lentamente que levavam muitos anos para completar o trajeto. Havia também aqueles que não eram assistidos por nenhuma missa especial ou que, em vida, não tinham expiado seus pecados por meio de obras de caridade. Estes realizavam a travessia dolorosamente, com os pés descalços, no meio das estacas afiadas e dos espinhos que estavam espalhados sobre a ponte (Wotckoski, 2013, p. 140).

Após descrever as penas do Purgatório presenciadas pelo camponês, é relatado como funcionava a pesagem dos bons e maus por meio do julgamento das almas, que determinava o destino das almas aos espaços estabelecidos, onde recebiam as glórias ou castigos merecidos. É interessante ressaltar que não aparece a presença de Deus nesta parte do relato, sendo a função de julgar atribuída a São Paulo. O santo permanece dentro da basílica, enquanto o diabo e seus subordinados se localizam do lado de fora, cada um com uma balança para a medição dos pecados. Os espíritos mesclados eram julgados de acordo com os pesos de suas boas e más ações, com a finalidade de alcançarem a graça de adentrar ao Monte da Alegria ou serem precipitados ao fogo do Inferno.

Para o julgamento, ambos possuíam dois pesos distintos: os do apóstolo eram descritos como reluzentes como ouro, enquanto os do diabo eram enferrujados e sujos, detalhes que ratificam as oposições existentes entre os elementos que compõem o Inferno e o Paraíso. Assim,

as almas mescladas com manchas pretas iam se aproximando, uma de cada vez, com temor para a computação dos pesos. Essa mesclagem de cores faz referência às boas ou más ações praticadas em vida, sendo a quantidade de preto uma indicação dos pecados cometidos. Os espíritos que se aproximavam e não escapavam da condenação eterna eram lançados em uma fornalha ardente e profunda.

Quando a balança inclinava se para o lado do apóstolo, ele conduzia o espírito, através da porta oriental que ficava junto à basílica, ao fogo purificador para ali expiar suas ofensas. Mas quando a balança pendia para o lado do diabo, ele e seus subordinados imediatamente precipitavam o espírito no tormento eterno, enquanto este gemia e praguejava pai e mãe por tê-lo gerado (Wotckosdki ,2013, p. 241).

A primeira punição imposta por demônios, presenciada por Thurkill, ocorreu antes mesmo de este adentrar os espaços infernais. No relato, é descrito que, ao anoitecer de sábado, São Domingos e São Juliano, juntamente com o camponês, presenciaram uma cena em que o diabo galopava em meio a gritos e gargalhadas sobre um cavalo preto, que na verdade era o espírito de uma das almas condenadas. Deste modo, pode-se perceber que os demônios tinham autoridade para dar a forma que quisessem às almas condenadas. Segundo o relato, esta alma pertencia a um inglês que havia morrido sem passar pela confissão e sem receber o corpo do Senhor antes de sua morte. Este homem também possuía muitos pecados, praticando crueldade com seus servos e, instigado por sua esposa, incitava a crueldade.

O segundo espaço visitado pelo camponês foi o Inferno, onde presidiam as encenações infernais. Os demônios temiam a presença de ser carnal observando as torturas e encenações praticadas, pois em seu retorno ao mundo dos vivos, alertaria a muitos pecadores sobre as torturas impostas as almas pecadoras pela eternidade. Dessa forma, ao perceber a presença de Thurkill, ele proíbe afirmando ao santo “Se quereis vir comigo, não podereis trazer este rústico junto, pois, em seu retorno ao mundo dos vivos, revelará nosso teatro e nossos segredos, resgatando, assim, muitos de nossos servos.” (Wotckosdki, 2013, p. 142).

A fim, de observar as penas direcionadas as almas pecadoras, Thurkill é levado por São Domingos e São Juliano em segredo para o Inferno, que se localizava ao norte da basílica, em uma casa distante, onde os demônios se divertem com as encenações das Almas condenadas. deste modo, o Inferno é apresentado como uma forma de teatro, onde as almas condenadas interpretavam, em meio a torturas, os pecados praticados ainda em vida. O narrador apresenta no relato uma descrição minuciosa desse espaço:

Do lado de dentro havia um grande número de arenas com cadeiras enfileiradas, construídas com aros de ferro fundido e totalmente cobertas de pregos. Nelas sentavam-se pessoas de diferentes condições sociais e de ambos os sexos, que eram perfuradas pelos pregos abrasados e presas por todos os lados por barras de ferro. O número de cadeiras e de pessoas era tão grande que ninguém poderia contá-las (Wotckosdki,2013, p. 142).

E são narradas a forma como o príncipe do Inferno presidia as encenações nas arenas. A fonte apresenta de forma detalhada cada pecado praticado pelos espíritos torturados e quais as punições recebidas, dentre essas torturas estavam: a tortura de um homem orgulhoso, a tortura de um sacerdote, que havia sido desonesto com os bens temporais que recebia das pessoas a quem pregava, a tortura de um soldado que matava inocentes em torneios e assaltos, a tortura de um homem da lei que era má e corrupto nos julgamentos, a tortura de um casal de adúlteros, caluniadores, ladrões/ incendiários e por último a tortura dos maus comerciantes. A sequência de torturas está representada no quadro a seguir.

Quadro 6 - Os jogos teatrais dos demônios e suas punições.

PECADOR	TRANSGRESSÃO	PUNIÇÃO
Homem Orgulhoso	Se Gabava Esnobava Todos	Suas vestes inflamaram, queimando-o por inteiro e teve seu corpo despedaçado pelos demônios com pinos e ganchos de Ferro aquecido
Sacerdote Desonesto	desonesto com os bens doados para a igreja, não dava suporte por meio de orações e missas as pessoas	foi arrancado do acento, abrasado e empurrado pelos servos do Pecado, teve sua garganta e língua cortadas e foi dilacerado
Soldado Matador	Matava pessoas inocentes em torneios e assaltos	Sentou-se em um cavalo preto é equipado para guerra, aspirou uma fumaça fétida, teve suas vestes, armaduras e escudos cobertos por Chamas, após isso foi cortado dilacerado e frito
Homem da Lei	corrupção nos julgamentos quais participavam	o dinheiro O dinheiro que ganhava de forma desonesta inflamou-se queimando o pecador, forçado a Engolir os pedaços do dinheiro queimado, foi torturado com Estacas e pregos, após isso foi forçado a vomitar e engolir novamente o dinheiro recebido anteriormente.

Casal de Adúlteros	eram infiéis no casamento	Começaram a dilacerar um ao outro, transformando o amor aparente em crueldade e ódio, seus membros foram despedaçados pela multidão Furiosa sofrendo punições.
Caluniadores	Contava uma mentira assim de ofender ou difamar outros	Tiveram a boca distorcida, ensinavam estar embasbacados e entreolharam-se com tristeza, foram forçados a comer uma lança abrasada, dilacerando um ao outro.
Ladrões e Incendiários	Roubavam e violavam lugares sagrados	Foram presos com Estacas e pregos em rodas de ferro inflamadas, girando sem parar e penalizados com torturas horríveis.
Maus Comerciantes	Eram desonestos, enganavam as pessoas com falsa medida de peso	Foram forçados a ensinar seu pecado e torturados pelos Diabos do mesmo modo que os anteriormente mencionados

Fonte: Aatoria Própria, 2024.

As encenações demoníacas ocorriam durante a noite de domingo e ao longo da semana, sendo revezadas nas arenas de tortura, com dias determinados para a execução das punições aos espíritos maus. A arena era uma casa velha grande, equipada com uma série de cadeiras enfileiradas, feitas de aros de ferro cobertos por pregos. As almas eram perfuradas enquanto assistiam às encenações de outras almas e aguardavam seu momento de serem torturadas pelos demônios.

É importante destacar a grande quantidade de pecadores presentes nesse espaço de tortura. O narrador afirma que o número de almas e cadeiras era tão grande que era impossível contar a quantidade exata. Esse espaço estava lotado de pessoas de diferentes classes sociais, desde as mais carentes até as mais elevadas, enfatizando que a salvação no Além depende das atitudes executadas em vida, e não da classe social ocupada. Por isso, esse espaço deveria ser sigiloso, permanecendo desconhecido aos vivos, para que muitas almas más pudessem ser torturadas.

Dessa forma, as torturas eram realizadas individualmente para cada condenado, que representava seu papel social. Esses pecadores não eram chamados pelos seus nomes, mas sim pelas classes a que pertenciam. Após serem convocados, deviam encenar suas transgressões e, em seguida, eram violentamente torturados pelos demônios, utilizando diversos instrumentos

de tortura. Eles eram queimados, despedaçados e fritos em caldeirões quentes, em um ciclo contínuo, pois após passar por essas punições, eram reconstruídos para serem torturados novamente com barras de ferro em brasa.

Além das encenações, havia uma área de tortura mais intensa. Perto do Inferno, havia quatro arenas que utilizavam diferentes substâncias para torturar as almas, onde os espíritos permaneciam por um período de oito dias, sofrendo flagelos de extremo calor e frio. Após esse período, era feito um revezamento. A divisão das arenas era feita conforme o quadro a seguir:

Quadro 7 - As arenas de Tortura

ARENAS	SUBSTÂNCIAS CONTIDAS NOS CALDEIRÕES
Primeira Arena	Piche escaldante e outras substâncias derretidas
Segunda Arena	Neve e gelo
Terceira Arena	Água sulfurosa escaldante e outras substâncias que emitiam um cheiro misturado com fumaça fétida
Quarta Arena	Água muito escura e salgada

Fonte: Autoria Própria, 2024.

Os espaços infernais na *Visão de Thurkill* são bem definidos e apresentam uma estrutura diferente das outras narrativas imaginárias. O Inferno é apresentado como uma espécie de teatro, onde Lúcifer, príncipe do Inferno, não é representado de forma animalesca como em outras fontes. Ele tem a função de condenar as almas pecadoras, sem padecer no Inferno, como na fonte anterior. A descrição das torturas infligidas às almas de diversas classes sociais é essencial na narrativa, pois apresenta uma série de pecados capitais e suas devidas penas. Isso tem o objetivo de alertar os leitores para evitarem tais pecados e praticarem boas ações. Após visitar o espaço destinado aos espíritos maus e suas penas, Thurkill segue em direção ao Monte da Alegria, onde está localizada a basílica. Na *Visão de Thurkill*, a basílica é o local onde permanecem os santos e os espíritos justos.

3. “POIS É DELES O REINO DOS CÉUS”: O PARAÍSO E SUA HIERARQUIA

O Paraíso é alvo de extensos estudos desde a antiguidade até a atualidade e foi alvo de bastante discussão durante a idade média. O conceito de Paraíso dentro de diversas fontes varia de acordo com os contextos religiosos, contudo, representa um local que exala a perfeição em todos os seus aspectos, sendo representado como local de recompensa, aos que foram bons, onde estes irão desfrutar das glórias e bem-aventuranças durante toda a eternidade, este espaço não tem apenas ligação com a vida após a morte, pois ele se torna um objetivo para os cristãos enquanto ainda estão em vida, influenciando a vida dessas pessoas, guiando esses indivíduos em suas jornadas espirituais e morais.

O paraíso é um lugar de paz e alegria, desfrutadas pelos eleitos através de seus principais sentidos: flores e luz para os olhos cânticos para os ouvidos, odores suaves para o nariz, gosto de frutos deliciosos para a boca, panos aveludados para os dedos. Algumas vezes o paraíso é circundado de altos muros de pedras preciosas e compreende espaços concêntricos protegidos, eles também, por muros, Cada espaço mais luminoso, mais Perfumado, mais saboroso, mais harmonioso, aproximando-se do centro em que reside Deus e que mantém reservada a visão beatífica (Le Goff, 2002, p.28).

Dentro do cristianismo por meio da Bíblia Sagrada, pode-se perceber a forma como esse espaço é representado, sendo este de grande importância para os religiosos. “A confirmação da existência do Paraíso, que remete ao Jardim do Éden, ao “Paraíso das Delícias” criado por Deus segundo o relato do Gênesis, no Antigo Testamento, encontra-se no Evangelho de Lucas, na segunda epístola de São Paulo aos Coríntios e no Apocalipse (Le Goff, 2002, p.23).

No contexto cristão no livro de Gênesis este espaço é identificado como o Jardim do Éden, com a criação do mundo, do homem e da mulher, porém o Paraíso Celeste, ou Paraíso do Além, deve ser claramente diferenciado do Paraíso terrestre, ou Éden. Este último é visto como uma duplicata eterna do primeiro, permanecendo no recanto inacessível da Terra. Embora geralmente vazios de habitantes, pode haver exceções para dois justos do Antigo Testamento, que foram preservados da morte (Le Goff, 2002, p.23). Já no livro de Apocalipse esse espaço é retratado como o céu, que seria o destino dos justos, este espaço é representado por objetos que transmitem paz, harmonia, felicidade e proximidade com Deus.

Estas representações desses espaços têm como função principal apresentar todas as coisas boas, que esperam as almas eleitas, utilizadas como uma ferramenta pedagógica para manter os cristãos no caminho correto, seguindo os mandamentos, fazendo as orações, jejuando,

doando dízimo e esmola aos pobres, se mantendo em uma vida de santidade, como preparação para vivenciar as glórias do Paraíso, evitando a condenação eterna do Inferno. Além, dos mandamentos, os sacramentos possuíam uma grande importância dentro da Igreja, principalmente o sacramento do batismo. Segundo Le Goff “para os cristãos são os símbolos que lhes dão o sentimento de pertencerem à Igreja. o mais importante deles era o batismo, pois fazia daquele ou daquela que o recebia um cristão ou uma cristã, tornando-se apto para receber a graça” (Le Goff, 2007, p. 79).

Muitos textos difundidos a respeito deste tema, estão relacionados a narrativas de indivíduos que tiveram a visão do Além, e puderam conhecer esses espaços destinados às almas no pós-morte. dessa forma, com a circulação das narrativas de viagens imaginárias, e a divulgação da topografia do Além, o Paraíso, espaço reservadas eleitos, passa a ser algo de extensos estudos, principalmente pela Igreja católica para que este fosse divulgado assim de evangelizar e converter pessoas ao cristianismo.

Este espaço era reservado somente para as almas eleitas, aqueles que em vida foram bons cristãos. Um bom cristão tinha que cumprir uma série de obrigações, entre elas estava: Rezar diariamente, comungar anualmente e evitar pecados conforme orientado durante a instrução religiosa das crianças, o catecismo. A confissão pessoal dos pecados, realizada pelo menos uma vez por ano a um padre, resulta na absolvição, exceto em casos excepcionais. O objetivo final é alcançar a graça, ou seja, a vida eterna no Paraíso, que permite a absorção das faltas (Le Goff, 2007, p.80).

Deste modo, com a divulgação dessas fontes a busca pelo Paraíso se tornou constante na história da humanidade, sendo estas manifestadas em várias formas nas tradições culturais, religiosas e literárias. Nesse quesito, as narrativas de viagens imaginárias ganharam bastante destaque, por representar de forma detalhada como esse espaço está dividido e representado. Este espaço se altera de acordo com as narrativas, porém possuem a mesma finalidade que é mostrar todas as glórias recebidas pelas almas consideradas eleitas pela Igreja católica.

Além disso, esse terceiro espaço possui extrema relação com os mandamentos e as práticas cristãs transmitidas pela Igreja, desse modo, é possível perceber a grande importância da Igreja católica dentro desse contexto da Idade Média. já que está se tornou uma grande instituição nesse período, sendo capaz de influenciar a vida das pessoas, e tendo a importante função de mediadora entre a Terra e o plano Celestial. Por conta disso, essas narrativas são amplamente utilizadas pela Igreja Católica, já que estas têm a função principal de apresentar esse espaço e conduzir os medos da melhor forma.

A análise desenvolvida a respeito das fontes do presente estudo: *A Visão de Tundalo* e a *Visão Thurkill*, apresentam todas essas nuances dentro desse terceiro espaço, e as permanências dentro de sua representação. Este espaço assim como a sociedade medieval se apresenta em forma de hierarquia, com as regalias de acordo com seu grau de doação e bondade em relação às atitudes de um bom cristão e os seus grandes feitos em relação ao plano espiritual. Este é um espaço que realça as belezas das recompensas de ter uma boa vida, de seguir a santidade e se dedicar às práticas cristãs.

Em ambas as narrativas também apresentam dentro de sua construção, nesse terceiro espaço a noção de pré-Paraíso, ou seja, um local intermediário, este seria destinado às almas que não eram totalmente ruins e nem muito boas, mas que ainda não mereciam desfrutar das glórias do Paraíso, para conseguirem adentrar nesse espaço era necessária uma preparação. Essa parte do relato faz menção aos sufrágios, que corresponde ao auxílio dos vivos para que essas almas consigam alcançar a salvação eterna por meio de interseções e missas. Deste modo, mostra a grande importância das intercessões das pessoas vivas pela alma do ente querido, para que esse seja admitido no templo sagrado, podendo desfrutar de coisas boas em abundância.

Desse modo, dentro dessas fontes que tem personagens como responsáveis por divulgar essas visões, sendo um camponês e o outro um cavaleiro, que dentro do período de estudo possuem papéis sociais completamente diferentes dentro da sociedade, despertam o desejo de mostrar que a salvação está além de bens materiais ou até mesmo de classes sociais. Portanto, essas visões têm um o intuito de mostrar que independe das classes sociais e do lugar ocupado dentro da sociedade, as pessoas devem ser tementes a Deus e seguirem os mandamentos, pois a terra deve ser um lugar de preparação e após a passagem para o outro mundo somente os eleitos serão agraciados com as glórias do Paraíso e isso independe dos bens adquiridos na terra.

3.1. O PARAÍSO: LOCAL RESERVADO AOS BEM-AVENTURADOS NA VISÃO DE TÚNDALO

Após visitar os espaços infernais a alma guiada em direção ao Paraíso, porém antes de chegar ao último espaço presente na topografia do Além, a alma se depara com o lugar que funciona como uma espécie de pré-Paraíso, onde as Almas padecem algumas penas, porém nada parecido com as que ele havia visto antes, pois possuía campo, jardim, e claridade era destinado às almas que não eram totalmente maus e nem totalmente boas. No códice 244 é

citado que nesse espaço há a presença de homens e mulheres que ainda não estavam preparados para alcançar a glória divina e se encontravam nesse local de espera, durante algum tempo até de entrarem na glória, estes eram atingidos por Ventos, fome e sede.

Os esforços para construir um sistema de interseções, pelo qual vivos e mortos ajudam-se mutuamente para ganhar o paraíso e escapar do inferno, vão representar uma parte importante da devoção medieval. essa solidariedade Face ao além será um dos principais cimentos de diversos grupos humanos: famílias carnis e famílias espirituais (Le Goff, 2002, p.24).

Ao continuar sua jornada pelos espaços do Celestiais, Túndalo se depara com lugares extremamente belos, diferente do espaço anterior visitado este possuía um bom odor, com grande luminosidade, que permanecia assim o tempo inteiro, não havendo noite nesse espaço, paisagens de campo verdejantes, também é mencionado a fonte da vida, a respeito deste espaço e da fonte o anjo afirma “quem dela beber a água, viverá para sempre e nunca mais terá sede. Essa morada pertencia às almas não muito boas que se livraram e foram tiradas das penas do Inferno, portanto ainda não podem desfrutar da companhia dos santos.” (VT, 1895, p. 112). No decorrer do relato também é citado a casa do rei Comarço, que recebia algumas punições, durante um determinado período, pois este rei mesmo dando esmola em vida praticava o pecado do adultério e também havia praticado o pecado de assassinato, pois havia matado um Conde.

O terceiro e último espaço da topografia da Além visitado por Túndalo foi o Paraíso, este espaço seria destinado às almas eleitas, que foram agraciadas por Deus para adentrar a esse espaço de glórias e bem-aventuranças, onde as almas seriam acolhidas para desfrutarem das glórias do Paraíso. Porém, esse espaço apresenta-se como uma espécie de hierarquia de salvação, pois todas as almas eleitas não eram destinadas ao mesmo local, deste modo, este espaço que representa o Paraíso é subdividido entre três muros, onde estas almas seriam destinadas de acordo com o seu merecimento.

O primeiro muro visitado foi o muro de prata, este era destinado aos castos no casamento, que cumpriram o sacramento do matrimônio, mantendo o compromisso firmado perante Deus, jurando fidelidade ao seu cônjuge, este ato é lembrado principalmente no sexto mandamento, que é “não pecar contra a castidade”. Esse espaço também era reservado às almas que repartiram os bens com os pobres, a bíblia sagrada apresenta uma série de passagens que retrata esse ato de caridade uns para com os outros, pois a ganância é um dos pecados mortais, e os bens materiais pertencem ao mundo terreno e quando estes se deixam dominar por esse pecado devem sofrer as consequências nos espaços Infernais.

Uma passagem bíblica que retrata bem esse ato de caridade é a de Zaqueu, onde Jesus manda que ele venda tudo que tem e reparta o dinheiro com os pobres, ganhando assim tesouro nos céus. Deste modo, retrata a importância em se manter humilde, ajudando os pobres, pois segundo a Igreja Católica o excesso gera ganância. É importante ressaltar o quanto a caridade se faz presente dentro da Igreja Católica por meio dos votos de pobreza que são feitos pelos religiosos consagrados, onde garantem o desprendimento a vida material e da vaidade mundana. Tendo o Santo São Francisco de Assis, como exemplo, pois se dedicou a uma vida de simplicidade e humildade vivendo em função dos pobres.

Este espaço é caracterizado como um muro bem grande, formoso e reluzente, que apresenta claridade, tomado por alegria, bons sabores e odores, cânticos. As pessoas que se encontravam nesse lugar são descritas no seguinte verso “esta folgança é dada aos casados e a todos aqueles que non britaron nen transparon a orden do casamento dereito. per peca do de adulterio.e os seus beens temporaes partiron con os pobres. e a romeus e aa egreias de deus” (VT,1895: 114-115).

O segundo muro visitado foi o muro de ouro, que era destinado aos monges e monjas e os construtores da Igreja, ou seja, pessoas que se doaram pelo ministério cristão, que viveram em função de Cristo, que tinham como objetivo levar a palavra de Deus e de converter pessoas ao cristianismo, viviam seus votos de pobreza e praticavam o celibato, além de serem pessoas caridosas, que estavam sempre ajudando os pobres e que buscavam se aproximar cada vez mais de Deus por meio das orações.

Este Segundo muro, assim como o primeiro apresenta dentro de sua construção diversas características que compõem o espaço do Paraíso, como a claridade, alegria, beleza e santidade, este local também é tomado por bons odores, principalmente a divina das plantas e belas melodias, onde instrumento tocavam sem serem tocados e lábios não precisavam se mover para que os sons saíssem. Além disso há uma série de outros elementos que aparecem dentro de sua construção como: sedas, livros, escritos todos de ouro, iluminação intensificada, apresentando uma grande claridade, presença de árvores com frutos que representam a santa Igreja.

O último muro visitado foi o muro de pedras preciosas destinado às nove ordens dos anjos, ou seja, Serafins, querubins, Tronos, dominações, potestades, virtudes, principados, arcanjos e anjos, que se dividiam em hierarquias e tinham a função de glorificar a Deus, vigiar o comportamento da humanidade, olhando e protegendo os seres humanos. Este muro também era direcionado aos os profetas da bíblia, que eram responsáveis pela transmissão de ensinamentos cristãos, os apóstolos de Jesus, muitos destes mártires que doaram sua vida pelo

evangelho e que foram escolhidos para propagar as mensagens de Deus e estabelecer as bases do cristianismo, esse espaço também era reservado às virgens e os virgens, pessoas que mantiveram sua castidade, abdicando dos prazeres carnis para vivenciar o amor maior que advém de Deus.

Deste modo, o terceiro muro visitado que representa o final da hierarquia do Paraíso é um espaço que supera os anteriores por sua formosura, tendo em sua composição pedras e metais de várias cores, Era bem maior que os anteriores e bem mais claro, com árvore e Tronos de ouro e marfim ocupados por personagens com coroas. Este local tem tanto destaque em sua descrição, pois as almas que se encontravam nesse espaço tiveram extrema importância para a divulgação da fé cristã e mostraram extrema obediência ao onipotente. Estas divisões do Paraíso, expressam grande harmonia, são lugares bem estabelecidos com características próprias, representando as glórias destinada aos bons como pode-se observar no quadro a seguir:

Quadro 8 - O paraíso e sua hierarquia

MUROS	ALMAS ELEITAS
Prata	Castos no casamento, almas caridosas que repartiam bem com os pobres
Ouro	Monges e monjas e os construtores da igreja
Pedras Preciosas	Nove ordens dos Anjos, profetas da Bíblia, apóstolos de Jesus, Os Virgens e as virgens

Fonte: Zierer, 2015, p. 28.

A representação do Paraíso descrita através dos três muros que compõem esse espaço, possui um papel moralizante, Sendo extremamente importante, pois funcionavam como manuais, não apenas para os leigos, seguidores do cristianismo, mas também aos servos consagrados a Cristo, pois segundo a sua doação e contribuição dentro e fora da Igreja, estes alcançariam graças ainda maiores dentro desses espaços. É interessante destacar que apesar de apresentar boas características do Paraíso, esse espaço ainda é menos explorado do que os espaços Infernais, ou seja, a Igreja Católica utilizava estas fontes para despertar o desejo pela salvação, não apenas por apresentar os espaços que seriam destinados aos eleitos, mas sim por mostrar uma série de castigos, direcionar as pessoas que levassem uma vida de pecado.

3.2. O PARAÍSO E A SANTA BASÍLICA NA VISÃO DE THURKIIL

Antes de adentrar ao espaço que correspondia ao Paraíso, havia a existência de um local anterior que funcionava como pré-Paraíso, assim como a fonte anterior analisada. na narrativa descrito que havia uma multidão de almas que anseiam entrar na Basílica de Santa Maria, que correspondia a esse espaço destinado aos justos. dessa forma, estas almas necessitavam do sufrágios, que eram a intercessão dos vivos, também necessitariam serem assistidos por uma certa quantidade de missas para que estes fossem salvos e admitido no tempo sagrado.

É descrito que o camponês reconheceu nesse espaço uma grande quantidade de pessoas que ele conhecia em vida. Após observar esses espíritos que se aproximavam da Santa Basílica na espera de serem admitidos, é importante ressaltar que enquanto aguardavam, estes espíritos não sofriam castigos. Thurkill, foi conduzido por São Miguel ao monte da Alegria, adentrando a grande Basílica, que possuía belas mansões, mansões estas direcionadas as almas eleitas, esse espaço era tomado por uma grande alegria, e as almas que eram admitidas no templo possuíam vestes brancas e eram descritas como extremamente alvas. Como descrito no seguinte verso: “Na grande basílica, Thurkill viu muitas mansões belíssimas. Nelas habitavam, alvos como a neve, os espíritos dos justos. Suas faces e coroas reluziam como ouro puro” (Wotckosdki, 2013, p.9).

É descrito que em determinadas horas do dia esse espaço é tomado por cânticos vindos do céu, como se todo tipo de música estivesse suando em harmonia Melodia, estes cânticos eram agradáveis e acalmavam e refrigerava todos os habitantes deste local, além disso eram servidos com todo tipo de carne saborosa. Deste modo, somente os admitidos no tempo tinham direito a ouvir esses cânticos e saborear das delícias do Paraíso, dentro da Santa Basílica é descrito que camponês também encontra muitas pessoas que conheceram em vida.

Durante toda a narrativa é perceptível a ênfase que este relato dá aos santos, vistos que estes são exemplos de vida a ser seguidos, pelas obras desenvolvidas e pelos seu testemunho de vida, muitos considerados mártires pela Igreja. Na fonte possuem grande importância, sendo estes os principais representantes da topografia do Além, responsáveis por guiar todos os espíritos que adentram a esses espaços. Deste modo, é possível ressaltar que estes possuem moradia própria nesse lugar, e recebiam com alegria aos seus devotos e servos do Senhor e os apresentavam diante de Deus. A respeito da função dos santos é possível afirmar que:

Achava-se que certas mulheres e certos homens, a sua excepcional devoção e ao seu comportamento caridoso, poderiam ter acesso a uma espécie de categoria intermediária entre os anjos e os homens. Para aumentar sua devoção e recompensa suas virtudes, Deus fez deles seus Mensageiros junto aos humanos. fez com que realizassem milagres, principalmente curas extraordinárias, em casos de doenças consideradas incuráveis, ou por ocasião de das situações desesperadoras: naufrágios, incêndios, tragédia de todos os tipos. os Santos eram considerados intercessores bondosos e benéficos junto a Deus (Le Goff, 2007, p.94).

Após observar o lado ocidental da Santa Basílica a alma do camponês é direcionada para a parte oriental do templo, esta é descrita como mais agradável, dentro dela possui uma variedade de ervas e flores com doce aroma. nesse espaço também havia uma fonte de água límpida e da que jorrava quatro correntes de água de coloração diferenciada, e próximo a Esta fonte possui uma árvore imensa que dava todo tipo de fruto. abaixo dessa árvore, é descrito a presença de um personagem bíblico extremamente importante para fé cristã, que é Adão, o primeiro homem criado por Deus. Adão possui veste até o peito lindíssimo com várias cores, porém é descrito uma característica que evidencia a salvação dos eleitos e a condenação das almas pecadoras.

Adão parecia sorrir com um olho e chorar com o outro, deste modo, São Miguel explica o significado dessa característica, onde o olho sorridente representa alegria pelos descendentes salvos e o olho que chora representa a tristeza pelo castigo merecido e julgamento de Deus sobre aqueles que são condenados, a demais suas vestimentas também possui um amplo significado, pois esta cobre apenas parte do seu corpo, sendo este o manto da imortalidade e o traje da glória, que ele foi privado por conta do pecado original, começou a recuperar a partir de Abel e continua pela intercessão das almas justas, deste modo, quando o número de seus filhos eleitos estiver completo, este completará a sua vestimenta com o manto da imortalidade e da Glória, chegando assim ao fim do mundo (Wotckoski, 2013, p.9).

Tal analogia sustenta que o tempo do perdão, da salvação e da remissão dos pecados ainda está aberto. A ideia de completude ainda está por vir e aparece como a plenitude dos tempos, como o kairós grego. Na visão de Thurkill, o fim dos tempos se dará quando Adão estiver completamente vestido (Golin, Wotckoski, 2015, p. 142).

Seguindo a jornada pelos espaços do Paraíso, Thurkill visita um templo mais e esplendoroso e reluzente que os espaços anteriormente visitados, neste espaço há a presença de uma capela, que habita três virgens de beleza indescritível, sendo estas: Santa Catarina, Santa Margarida e Santa Osita, estas santas possui um papel muito importante dentro da narrativa, pois ambas se dedicaram em se manter castas. Desta forma, esta narrativa chama atenção para o valor da virgindade como virtude moral da época, este fato, é comprovado também na figura

do camponês, no início da narrativa, quando este dorme em uma cama separada de sua esposa, assim você abster das práticas sexuais antes de receber a visão.

3.3 RETORNO DA EXPERIÊNCIA EXTRACORPOREA E SUA INFLUÊNCIA MORALIZADORA

Os relatos de viagem imaginários expressam o retorno ao mundo dos vivos como um recomeço e mudança na realidade vivenciada pelos narradores dessas visões. este retorno surge como uma segunda chance para viver uma vida de santidade de acordo com que prega o cristianismo, esta chance não se dá apenas ao personagem das narrativas, mas a sociedade como um todo, pois a intenção da viagem é narrar tudo que acontece no plano espiritual após a passagem para outra vida, a fim de alertar aos demais a levar uma vida virtuosa. Deste modo, esta narrativa vai influenciar a vida de várias pessoas, alterando assim a mentalidade que se tinha sobre a vida após a morte.

O Além foi um dos grandes domínios do Imaginário medieval. inspirou uma importante literatura de ficção e uma rica em colografia, testemunhando a fecundidade da atividade criativa dos Artistas medievais. ele se constituiu num grande reservatório de imagens encarnando a ideologia e a sensibilidade Cristãs e desempenhando um papel concreto na luta escatológica do cristão: escada para subir ao céu, balança que pesa a alma, boca ou Poços do inferno nos quais se tenta não cair, fogo ao qual escapar (Le Goff, 2002, p.24-25)

Dentro de ambas as fontes estudadas, cada personagem apresenta em seu retorno para a vida terrena a anunciação a toda diocese sobre o poder das escolhas individuais e sua interferência no mundo dos mortos, cada personagem demonstra mudança comportamental, após vivenciar a experiência extracorpórea, modificando toda vida que levava anteriormente e tornando um exemplo de Cristão a ser seguido, cumprindo todos os mandamentos, vivenciando o sacramentos, tendo uma vida de oração e caridade e evitando os sete pecados capitais.

O retorno da viagem ao Além dentro da *Visão de Thurkill*, acaba sendo um pouco confuso, pois não se tem dados de que o camponês conseguiu visitar todos os lugares presentes no Paraíso, já que após ver a capela com as virgens é ordenado por São Miguel, que ele retorne ao seu corpo, pois as pessoas que estavam na casa do camponês havia jogado água sobre o rosto de Thurkill, para que esse pudesse acordar do sono pesado em que seu corpo se encontrava e isso poderia fazer morrer sufocado, deixando um pouco vago a noção de Paraíso, dessa forma, não se pode afirmar se camponês visitou todas as partes que correspondem ao Paraíso.

Após restituir ao seu corpo o camponês vai à Igreja assistir à missa, isso demonstra a grande importância da missa eucarística para os cristãos, sendo um dos primeiros ritos o perdão, após isso as preces e a eucaristia, ambos representam a aliança e compromisso com Deus. Porém, apesar de ser agraciado com a visão, o camponês teme em contar a visão que de Deus foi dada, mas São Juliano aparece em sonho e ordena que ele não esconda nada que foi visto e presenciado por ele. Então no dia de todos os Santos Thurkill, revela por completo sua visão em inglês, que acaba impactando os ouvintes e fazendo muitos mudarem de vida, contudo, é notado um certo preconceito feito pelos ouvintes por conta da classe social que esse homem pertencia, mostrando que o amor de Deus está acima de qualquer título. Dessa forma, nesse dia completa ano que essa visão foi concebida e apresentada como testemunho aos ouvintes.

Logo após passar pelos três espaços do Além, Túndalo apesar do anseio em permanecer no Paraíso o cavaleiro é restituído ao seu corpo, pois este tem a grande função de revelar aos vivos visões que vão além do que os olhos humanos podem ver. Este tem a oportunidade de mudar de vida, assim que acorda faz o sinal para que lhe dessem a hóstia sagrada para que ele pudesse comungar, isso mostra aliança do cavaleiro para com Deus, já que a hóstia representa o corpo de Jesus, na eucaristia, fazendo referência a santa ceia, que significa o seu sacrifício que Jesus ofereceu a Deus na cruz, a fim de salvar a humanidade do pecado.

Sendo a eucaristia um dos sacramentos muito importante para a fé cristã, por meio da transubstanciação após a consagração. Deste modo, esse ato de comungar após esse retorno apresenta uma forma de reconciliação, um meio de agradecer pela visão e livramento que teve do Inferno, gerado pela oportunidade de retornar a terra e ter uma mudança de vida e ser uma nova pessoa, vivendo de acordo com os mandamentos. Ele doa todos seus pertences aos pobres, além de contar tudo que a visão aos demais e se torna um exemplo de cristão.

O retorno dessa experiência extracorpórea proporciona a esses personagens, o cavaleiro e o camponês uma nova chance para que pudessem mudar de comportamento e assim pudessem revelar sua visão aos demais, no caso do cavaleiro Túndalo ele adota uma vida regrada de acordo com os preceitos da Igreja e doa seus bens aos pobres, e Thurkill revela sua visão a população para alertar sobre esses espaços e a importância em levar uma vida regrada. Este foi um meio utilizado pela Igreja Medieval para doutrinar e converter as pessoas à fé cristã, conduzindo o modelo de vida cristão a ser seguido.

Portanto, essas narrativas de viagens imaginárias, que tiveram ampla divulgação durante a idade média, principalmente por meio da Igreja Católica, tiveram grande impacto na vida das pessoas, pois essas experiências vivenciadas pelos personagens das determinadas visões foram essenciais para mostrar como estão divididos os espaços do Além e suas

experiências vivenciadas nesses espaços passaram a servir como reflexo dos medos e anseios dos indivíduos a respeito da topografia do Além, disso essas Fontes passaram a incentivar um processo de autoavaliação das pessoas a fim de gerar uma mudança pessoal de acordo com os prefeitos da Igreja, essas narrativas ajudaram a fortalecer as doutrinas da fé católica ratificando a importância de viver uma vida virtuosa.

CONCLUSÃO

O período conhecido como Baixa Idade Média trouxe diversas contribuições culturais, literárias e, principalmente, no âmbito religioso. Destaca-se a vasta produção literária e artística desse período, voltada para temas ligados à vida espiritual e à vida após a morte. Durante esse tempo, houve ampla circulação de narrativas que representavam a topografia do Além. Dentre essas fontes, destacam-se as analisadas durante esta pesquisa: a "*Visão de Túndalo*" e a "*Visão de Thurkill*".

Em suma, a Europa, durante os séculos XIV e XV, passou por grandes transformações em todas as suas estruturas. Essas mudanças alteraram a percepção da vida após a morte e a busca pela salvação. A devastação causada pela Peste bubônica, as guerras, a escassez de alimentos e a fome afetaram não apenas as estruturas sociais e econômicas, mas também intensificaram a preocupação com o destino das almas após a morte. É importante ressaltar que, anteriormente, a morte era concebida como um evento natural; após esses eventos catastróficos, tornou-se alvo de grande preocupação. A Igreja Católica, diante desse período de instabilidade e alta mortalidade, utilizou as narrativas de viagens imaginárias para descrever a topografia do Além, enfatizando os tormentos do Inferno para reforçar sua doutrina e converter os fiéis.

A análise das fontes primárias a "*Visão de Túndalo*" e a "*Visão de Thurkill*", desenvolvida durante a pesquisa, descreve como essas narrativas serviram para transmitir normas comportamentais e promover a conversão, funcionando como manuais de salvação. A Igreja aproveitou a instabilidade e o medo generalizado para consolidar seu poder na sociedade e influenciar a mentalidade medieval, moldando a visão do Além e da salvação por meio da descrição da topografia. Desse modo, a pesquisa demonstra que os fatores econômicos, sociais e religiosos da época estavam interligados na construção da mentalidade sobre o pós-morte. É possível afirmar que a interação entre as catástrofes e o papel evangelizador da Igreja foi crucial para o desenvolvimento de uma visão detalhada dos espaços infernais, a fim de orientar a vida terrena dos fiéis em direção à salvação.

Quando se iniciou a construção do projeto desta pesquisa, constatou-se um questionamento sobre como se deu a construção da mentalidade em relação à vida após a morte e à topografia do Além em dois relatos de viagens imaginárias: A "*Visão de Túndalo*" e a "*Visão de Thurkill*". O objetivo era discutir como o período de crise promoveu a circulação e divulgação dessas narrativas. Durante a análise das fontes, surgiu uma dúvida sobre os espaços destinados às almas após a morte e como a topografia do Além era descrita nas duas narrativas

de visões imaginárias. Por conta disso, era importante estudar a topografia do Além e seu papel moralizante nas visões de Túndalo e Thurkill, para, por meio desta análise, compreender as divisões presentes no Além-mundo e sua importância para a história das mentalidades, que se destacam principalmente com o advento da escola dos Annales.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral compreender como se deu a construção da mentalidade sobre os espaços do Além, através das fontes "*Visão de Túndalo*" e "*Visão de Thurkill*", e os impactos na sociedade durante os séculos XIV e XV. Constatou-se que o objetivo geral foi atendido, pois o trabalho conseguiu explorar os espaços destinados aos espíritos pecadores, apesar da dificuldade de análise na "*Visão de Túndalo*", onde há confusão na distinção entre Purgatório e Inferno. Esses espaços se apresentam de forma diferente nas duas narrativas, mas foi possível traçar diversas análises graças aos elementos semelhantes que caracterizam esses locais infernais.

A pesquisa partiu da análise das duas narrativas visionárias para compreender como a construção da topografia do Além se relaciona com o período de crise vivenciado a partir do século XIV, moldando a mentalidade da época. Além disso, o quesito da salvação é reforçado nesses relatos, destacando as atitudes que um bom cristão deveria ter para alcançar as glórias divinas. Os relatos apresentam os sete pecados capitais e as torturas destinadas às almas pecadoras, convertendo-os a seguirem os preceitos do cristianismo por meio do medo.

Verificou-se que esses dois relatos não seguiam a mesma ordem nem apresentavam a geografia do Além de formas idênticas. No Purgatório, as almas pecadoras expiam seus pecados de formas diferentes. Na "*Visão de Túndalo*", é definido qual pena o pecador de cada pecado capital sofreria, enquanto na "*Visão de Thurkill*", ambos passam pelas mesmas penalidades, dificultando apenas a questão do trajeto. No Inferno, os espaços também são diferentes. Na "*Visão de Túndalo*", é caracterizado como um local de escuridão, trevas, mau odor, objetos cortantes para torturar as almas, presença de demônios e de Lúcifer. Na "*Visão de Thurkill*", é representado de forma teatral, onde as almas atuam seus pecados praticados em vida e são torturadas. No Paraíso, há diferenças: na "*Visão de Túndalo*", é hierarquizado; na "*Visão de Thurkill*", os espíritos bons são alojados em um único local, a Santa Basílica. Foi necessário compreender os elementos que compõem esses espaços para entender as punições direcionadas às almas pecadoras e as boas-aventuranças recebidas pelas almas eleitas.

Portanto, pode-se afirmar que a análise das fontes estudadas foi essencial para entender como se estruturava o pensamento durante a Idade Média sobre a salvação e a mentalidade acerca da topografia do Além. Apesar de descrita de formas diferentes, ambas as visões tinham o objetivo de alocar as almas nesses espaços de acordo com seu merecimento. Esses relatos são

extremamente importantes, pois serviam como manuais utilizados pela Igreja para evangelizar os cristãos e incentivá-los a seguir os preceitos da Igreja e evitar o pecado. Além disso, essas narrativas funcionam como métodos de estudo para compreender a sociedade e o poder exercido pela Igreja durante a Idade Média, bem como as permanências desse período na atualidade dentro das instituições cristãs.

REFERÊNCIAS

FONTES

Visão de Túndalo (VT, 1895). Ed. F. M. Esteves Pereira. **Revista Lusitana**, 3, 1895, p. 97-120 (Códice 244).

Visão de Túndalo. Ed. de Patrícia Villaverde. **Revista Lusitana**, n. s., 4, 1982-1983, p. 38-52 (Códice 266).

Visão de Thurkill. Tradução de Ricardo Boone Wotckoski. Brathair. **Revista de Estudos Celtas e Germânicos**, São Luís (UEMA), v. 13. n. 2, p. 138-147, 2013.

OBRAS DE ESTUDO

ARIÊS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ARNALDI, Girolamo. Igreja e Papado. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (coord). **Dicionário Analítico do Ocidente Medieval**. volume 1. São Paulo: Editora Unesp, 2017. p. 632-657.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 99.

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: do ano mil à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.

BASCHET, Jérôme. Diabo. In. In. Le Goff, Jacques. SCHMITT, Jean-Claude (coord.) **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo/ Bauru: Imprensa Oficial/ EDUSC, 2006, p.319-331.

BASTOS, Mário Jorge da Motta. **O poder nos tempos da peste:(Portugal, séculos XIV/XVI)**. Niterói: EdUFF, 2009.

BEAULIEU, Marie-Anne Polo de. Pregação. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord). **Dicionário Analítico do Ocidente Medieval**. volume 2. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 410-422.

BEDIN, Gilmar Antonio. **A sociedade internacional contemporânea eo século XXI: novos atores e novas possibilidades**. 2001. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Jurídicas. Programa de Pós-Graduação em Direito.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001, p. 79.

BOONE WOTCKOSKI, Ricardo. **O ALÉM E A VISÃO DE MUNDO MEDIEVAL: O INFERNO DA VISÃO DE THURKILL**. Brathair, v. 19, n. 2, 2019

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales 1929-1989**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

CAPELLARI, Márcia Schmitt Veronezi. **A Arte da Idade Média como construtora de um conceito visual de mal**. *Mirabilia: Electronic Journal of Antiquity, Middle & Modern Ages*, n. 12, p. 11, 2011.

DA MOTTA BASTOS, Mário Jorge. **MEDICINA, SAÚDE PÚBLICA E PODER EM TEMPOS DE EPIDEMIAS (PORTUGAL–SÉCULOS XIV-XVI)**. *Brathair*, v. 20, n. 2, 2020.

DA SILVA, Victor Deodato. **A legislação econômica e social consecutiva à peste negra de 1348 e sua significação no contexto da depressão do fim da Idade Média (I)**. *Revista de história*, v. 47, n. 95, p. 59-104, 1973.

DELUMEAU, Jean. **O que Sobrou do Paraíso?** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DE GONÇALVES, Dora Britto. **A REVOLUÇÃO DE 1383**. *Revista Humanitas*, v. 1, n. 1, p. 85-106, 1981.

DOS SANTOS, Anna Beatriz Esser. Geoffrey Chaucer e a Inglaterra do Quatrocentos. **Revista Roda da Fortuna: Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medieval**, n. 1, p. 206-224, 2013.

FAURE, Philippe. Anjo. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2002, v. I, 2022, p. 69-81.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **As cruzadas**. Brasiliense, São Paulo: Brasiliense, 1999.

HUIZINGA, Johan. **O outono da Idade Média**. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2021.

GIMENEZ, José Carlos. Danças macabras: uma crítica social na baixa Idade Media. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 4, n. 11, p. 43-52, 2011.

GOLIN, Luana Martins; WOTCKOSKI, Ricardo Boone. O além-mundo no imaginário medieval: A visão de Thurkill. **O Imaginário do além-mundo na apocalíptica e na literatura visionária medieval São Bernardo do Campo**: Universidade Metodista de São Paulo, p. 243-266, 2015.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LE GOFF, Jacques. Além. In: **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2002, v. I, p. 21-33.

LE GOFF, Jacques. **A Idade Média explicada aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

LE GOFF, Jacques. **O Nascimento do Purgatório**. Lisboa: Editorial. Estampa, 1993.

LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude (Coord). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Coord Trad Hilário Franco Júnior. Bauru: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

LEMES, Fernando Lobo. **A lei das Sesmarias e Portugal no século XIV**. Revista jurídica, 2013, p. 70-89.

LITTLE, Lester K. Monges e religiosos. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean Claude (coord.). **Dicionário Analítico do Ocidente Medieval**: volume 2, São Paulo: Editora Unesp, 2017. P. 256-275.

LOPES, Paulo. **Os livros de viagens medievais**. Medievalista. Online, n. 2, 2006.

MACEDO, José Rivair. **Movimentos populares na idade média**. Moderna, 1994.

MANOEL, Ivan A. **Volta à Idade Média: a salvação da humanidade**. Dimensões, n. 12, 2001.

MARQUES, de A.H de Oliveira. **Portugal na crise dos séculos XIV e XV**. Lisboa: Presença, 1987.

MESSIAS, Bianca Trindade. **Memória, educação e salvação cristã na Visão de Túndalo (séculos XIV e XV)**. Dissertação de Mestrado em História. São Luís: Universidade Estadual do Maranhão, 2016.

NASCIMENTO, Mara Regina do; TAVARES, Mauro Dillmann. **Guia Didático e Histórico de verbetes sobre a morte e o morrer**. 2022.

Neila, GOMES, Flavia Santos (colab). **Uma viagem pela idade Média**: estudo interdisciplinares. São Luís: Editora UEMA, p. 11- 18, 2010.

NOGUEIRA, Paulo (Org.). **O Imaginário do Além-Mundo na Apocalíptica e na Literatura Visionária Medieval**. São Paulo: Metodista/FAPESP, 2015.

NOGUEIRA, Sebastiana. M. da Silva. Visionários e seus apocalipses: do judaísmo, do Novo Testamento ao misticismo judaico. In: NOGUEIRA, Paulo (Org.). **O Imaginário do Além Mundo na Apocalíptica e na Literatura Visionária Medieval**. São Paulo: Metodista/FAPESP, 2015.

OLIVEIRA, Solange Pereira. **A salvação como um itinerário no Além Medieval**: a viagem imaginária da Visão de Túndalo (Séculos XIV-XV). Tese de Doutorado em História. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2019.

Oliveira, Solange Pereira. **“Assim na terra como no céu”**: a hierarquização do Além medieval segundo a obra Visão de Túndalo. – São Luís, 2012. 83 f. Monografia (Graduação) – Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão, 2012.

SÁEZ, Oscar Calavia. **O que os santos podem fazer pela antropologia?**. Religião & Sociedade, v. 29, p. 198-219, 2009.

SCHMITT, Jean-Claude. Clérigos e leigos. In: **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**, São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, vol I, 2002, p.237-250. SCHMITT,

JeanClaude. Corpo e alma. In: **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, vol I, 2002, p. 253-280.

SILVA, Andréia Frazão da. **Os estudos medievais no Brasil e o diálogo interdisciplinar**. Medievalis, Vol. 1 (2), 2013.

SOUSA, Ágabo Borges de. Além-mundo no Antigo Israel e nas religiões do Oriente Próximo. In: NOGUEIRA, Paulo (Org.). **O Imaginário do Além-Mundo na Apocalíptica e na Literatura Visionária Medieval**. São Paulo: Metodista/FAPESP, 2015, p. 41-58.

TEODORO, Leandro Alves. **A escrita do passado entre monges e leigos: Portugal – séculos XIV e XV**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

ZIERER, Adriana. A Visão de Túndalo: da danação à salvação numa viagem imaginária medieval In: NOGUEIRA, Paulo (Org.). **O Imaginário do Além-Túmulo na Apocalíptica e na Literatura Visionária Medieval**. São Bernardo do Campo: Editora Metodista - FAPESP, 2015, v.1. p. 163-205.

ZIERER, Adriana. D. João I, o iniciador da Dinastia de Avis entre a identidade portuguesa e a alteridade. **Dimensões**, n. 33, p. 36-60, 2014.

ZIERER, Adriana. Paraíso versus Inferno: a Visão de Túndalo e a Viagem Medieval em Busca da Salvação da Alma (séc. XII). *Mirabilia*, v. 02, p. 150-284, dez de 2002.

ZIERER, Adriana; OLIVEIRA, Solange Pereira. **A Visão de Túndalo: Harmonia, Paraíso e Salvação no Além Medieval**. *Mirabilia*, n. 16, p. 0221-247, 2013.

ZIERER, Adriana MS; OLIVEIRA, Solange Pereira. **Diabo versus salvação na Visão de Túndalo**. *Opsis*, Catalão, (UFG), v. 10, n. 2, p. 43-58, 2010.